REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

3º TRIMESTRE DE 1869

VIAGEM DE REGRESSO

DE

MATO-GROSSO Á CORTE

MEMORIA DESCRIPTIVA

PELO

BACHAREL ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

Ao Illm. e Rev.^{mo} Sr.

Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro

O que tomo a liberdade de vos offerecer não tem em si valia alguma se o considerarem debaixo do ponto de vista litterario. Taes pretenções não coadunam de feito com a rapidez d'uma viagem que é descripta ao correr da penna, como ella foi feita, quasi que a galope.

São pois, notas ligeiras, paginas destacadas, que se juntaram e se acolhem á protecção de quem, como V. S.,

as aceitará com benevolencia. Se não fosse essa certeza, colhida desde os bancos do collegio, quando eu vos ouvia como mestre, até a occasião em que, por proposta vossa, penetrei no illustre gremio do Instituto Historico, viria esse trabalho a lume sem patrono, correndo os riscos de sua ousadia.

Só os viajantes o devem consultar: quero que estes leitores encontrem na primeira pagina demonstração de que, se me faltam qualidades de escriptor, pelo menos tenho a de ser grato a quem procurou m'as incutir, tão de sobejo as possue.

Sou de V. S., attencioso criado, amigo e obrigado discipulo. — *Alfredo d'Escragnolle Taunay.*

28 de Julho de 1869.

No dia 11 de Junho de 1867 as forças em operações no sul da provincia de Mato-Grosso chegaram ao porto do Canuto, na margem esquerda do rio Aquidauána, dando fim á trabalhosa retirada que haviam encetado no dia 8 de Maio da invernada da Laguna, 3 $^1/_2$ leguas além do rio Apa, em terras da republica do Paraguay. O commandante da columna, o major José Thomaz Gonçalves, n'aquella data designou-nos para sermos o portador até a côrte da correspondencia official relativa aos importantissimos acontecimentos que se haviam succedido durante o mez de Maio e principios de Junho, e que na qualidade de secretario do commando tivemos de relatar, empregando n'esse cansativo trabalho cinco dias. No dia 16 os demos por

findos, e pela manhã de 17 despedimo-nos de nossos companheiros d'armas e começámos na direcção de Camapuam e debaixo de copiosissima chuva a viagem que é o motivo d'esta memoria.

DIA 17

Os primeiros terrenos que fomos atravessando eram baixos e pantanosos; logo depois, porém, principiámos a subir, de primeiro progressiva e lentamente, ao depois morrotes e eminencias, passando por gargantas da serra de Maracajú, a qual iamos cortando depois de fraldejado um dos seus picos isolados, o morro Azul em cuja base opposta se achava o acampamento das forças. As fórmas que aquella ponta apresenta de diversos aspectos são muito pittorescas e variadas; ora parece alcantilado castello, ora imponentes ruinas, ora mostra dorso abahúlado, ás vezes recortados e caprichosos traços. Iamos ainda, de quando em quando, avistando a bacia do bello rio Aquidauána, tambem rodeada de morros singularmente notaveis pelos seus córtes e apparencias.

Os pastos são lindissimos. A trilha que indica frequente transito atravessa campos ondulados, ou cerrados vistosos, nos quaes figuram os vegetaes já citados em varios trabalhos nossos. A uma hora da tarde chegámos á fazenda dos Dois Irmãos, pertencente á sogra do fazendeiro Henriques e constante de modestas casinholas e d'um excellente curral, ponto então de parada, onde nos abrigámos das fortes rajadas de chuva que de todo o dia não cessára. Só á noite amainou, permittindo que a lua viesse espalhar sua melancolica luz sobre a bella perspectiva que ahi se goza. O nome da fazenda provém de dois importantes

ribeirões que, poucas braças além da casa, correm parallelamente até o Aquidauána.

Nos Dois Irmãos encontrámos varios carreiros á espera das forças que para aquelle ponto deviam seguir no dia 18, e entre elles o negociante de Goyaz Gouvêa, que atrasára sua marcha para viajar em nossa companhia até Camapuam.

Nossa comitiva compunha-se do alferes João Luiz do Prado Mineiro, que ia a S. Paulo em commissão, do operario Francisco Wandewort, que regressava á côrte em virtude da terminação do seu contrato, do citado Gouvêa com dois camaradas e mais dois soldados que nos acompanhavam. Ao todo 8 pessoas.

A marcha d'esse dia foi de 4 leguas.

DIA 18

Com excellente manhã começámos a jornada. Passando logo os Dois Irmãos, fomos cortando lindissimas pradarias sempre á vista das serras, que ás vezes formam reconcavos completamente fechados. Depois de 4 leguas, chegámos ao lugar chamado *Correntes* ou tapera do Henriques; casa que, situada n'uma elevação, domina uma bella e amena paisagem, e se acha a cavalleiro sobre o campo em que o commandante de nossas forças, como o fez, pretendia assentar o seu acampamento. Alli passa-se já o Aquidauána em suas cabeceiras. Depois de comermos boas laranjas n'um pomar que a *mamona* (ricinus) invadira victoriosa, fomos caminhando, chegando, com o cahir da tarde, ao ribeirão Cachoeira, 3 leguas além, sempre por campos quebrados, onde se notam cerrados altos de

bombaceas, *paratudos* (bignoniacea), *terebenthaceas*, *dilleniaceas* (lixeiras) ou pastagens do capim branco, tão estimado pelos animaes e salpicado com profusão de pés de *lixeira* rasteira, cujas propriedades medicamentosas nas orchites são incontestaveis.

DIA 19

O ribeirão, engrossado pelas muitas chuvas, dava nado. De manhã o passámos em pelotas, encontrando na margem direita o tropeiro Malheiros, que levava importante carregamento para as forças. A noticia da chegada d'ellas se havia logo espalhado, e imprimira movimento ás muitas tropas que os boatos de nossa derrota e completa perda haviam demorado em diversos pontos da estrada. Caminhámos 4 leguas até o ribeirão Cachoeirinha, outro affluente do Aquidauána, e, mais duas leguas além, fomos pousar, por causa da noite, junto a um corregozinho atoladiço.

Os aspectos continuam os mesmos. A atmosphera tornou-se fixa; a temperatura baixára e o resfriamento consideravel chegava a incommodar-nos com os poucos meios que tinhamos para nos abrigarmos. Viajámos completamente escoteiros, com o indispensavel provisionamento de boca para atravessarmos aquelle sertão inteiramente deserto.

DIA 20

Tomando uma trilha á esquerda, dirigimo-nos á palhoça do Motta, situada a legua e quarto do nosso ponto de partida. O caminho é n'essa parte pessimo; profundos atoleiros difficultam muito o transito, augmentando-se cada

vez mais os embaraços da passagem pela frequencia de carros e tropas que demandavam as forças. O rancho do Motta acha-se situado n'uma planicie accidentada, que bellos grupos de *boritys* tornam realmente encantadora. A humidade exsuda de todos os pontos, e manifesta-se não só pela presença d'aquellas palmeiras como por um viçoso capão de *pindahybas* (xilopia frutescens).

Aquelle pobre cultivador com o seu unico trabalho conseguira plantações importantes em relação aos seus diminutos meios, e grandes roças de milho, de feijão e arroz davam-lhe a possibilidade de ajuntar algum dinheiro depois do continuo movimento que a estada da força no districto de Miranda estabelecêra. Entretanto uma singular mania absorve completamente todos os seus recursos; pois sustenta elle uma demanda em Piumhy na provincia de Minas-Geraes, alimentada ha muitos annos pelo dinheiro que seus braços a muito custo arrancam da terra.

Parámos no Motta, dando uma boa ração de milho aos animaes. A's 2 $^{1}/_{2}$ horas da tarde seguimos viagem, indo, depois de 2 leguas, entrar na estrada geral, da qual nos haviamos desviado no principio do dia.

A noite começava então a cahir; sem embargo fomos caminhando por desejarmos passar com o escuro a encruzilhada de Nioac, visto como existia ainda a duvida se os paraguayos em nossa perseguição para lá haviam mandado algum destacamento. 1 legua mais entrámos no Campo Grande. Esta extensa campina constitue um vastissimo chapadão de mais de 50 leguas de extensão, em que raras arvores rompem a monotonia d'uma planura sem fim, e n'ella está lançada a estrada que leva a Nioac e que é conhecida perfeitamente em toda a sua extensão pelos paraguayos.

O aspecto geral é, pois, extremamente uniforme: a marcha parece difficultosa e torna-se cansativa pela constante presença dos mesmos accidentes.

Para nós foram fatigantes o mais possivel as 2 leguas para chegar á encruzilhada da estrada de Nioac. Além da incerteza que nos dominava sobre a presença do inimigo, vento vivo e frigidissimo nos açoitava o rosto, demorando-nos o andamento dos animaes. A lua surgiu quando appareceu a bifurcação dos dois caminhos e estão elles tão proximos um do outro por muitas braças, que só se os distingue attendendo para uma arvore de *paratudo*, que foi pelos carreiros golpeada e quasi lavrada. Meia legua além, fomos descansar junto ao capão do Bority, onde os paraguayos, em 1865, agarraram uma familia brasileira, a qual se arranchára para fazer mate, herva que ahi se acha em abundancia e por diante apparece frequentemente, debaixo da fórma de arbustos e não como para os lados da colonia de Dourados e norte do Paraguay, em que são arvores desenvolvidas e algumas até possantes.

DIA 21

Do Bority seguimos por legua e meia em campo limpo, entrando depois em cerrados até a lagôa do Paula, ás 2 $^1/_2$ leguas de distancia. Estas lagôas tornam-se amiudadas, alargando-se com as chuvas e resistindo ás seccas mais fortes.

Varias plantas palustres crescem em suas margens mal determinadas, e grande quantidade de mosquitos ahi se reune e em enxames assalta o passageiro. 2 leguas além fomos ás Botas, pouso procurado pelas tropas de animaes,

que n'elle acham excellente pastagem. Limpido ribeirão corre ahi no encontro de dois abahúlados outeiros, orlado de *congonha* (smilax) e *mate*. Das folhas da *congonha* um tanto tostadas pelo fogo faziamos uma fragrante infusão de gosto muito agradavel, que recommendamos ao viajante d'aquelles sertões.

Sempre em estrada secca e argillo-arenosa fomos ao pouso das Perdizes com mais legua e 3 quartos, onde pernoitámos.

DIA 22

Os cerrados que atravessámos hoje contêm *melastomaceas*, muitos *jatobás*, *quinas do campo* (loganiacea), *paratudo* (bignoniacea), *myrtaceos*, poucas *apocyneas* e raras *anonaceas*. O terreno é arenoso: as arvores grandes, sobretudo *bombaceas*, que estendem ramos grossos por sobre o caminho. Das Perdizes ao Maribondo andámos 3 $^1/_4$ leguas, sendo aquelle pouso junto a um comprido capão de *buritys* e *pindahybas*, que se estende por alguns quartos de legua. A estrada sempre por chapadões seccos, tem voltas innumeras e desnecessarias; ora vai a E., ora a O., não poucas vezes completamente a N. Fomos dormir junto ás Lagôas, a 4 leguas do Maribondo, perto de depositos d'agua não má e com a qual sempre se póde contar. Ahi abundam os *jatobás* (hymenœa curbaril).

Estas leguminosas têm uma vagem, cujas sementes acham-se envolvidas n'uma polpa farinhosa, susceptivel de alguma preparação para se tornar aturavel. O uso d'estes fructos provou bem nas forças contra as diarrhéas e serviu de muito para o sustento geral. E', pois, com reconhe-

cimento profundo que os expedicionarios de Mato-Grosso devem fallar d'esse utilissimo vegetal.

O aspecto da planta é agradavel: arvore mediana, tem folhas compostas, porém completamente fendidas até o peciolo articulado, o que lhes dá apparencia de folhas simples. A fórma é de papilionacea. Estas folhas nos *jatobás* pequenos são muito desenvolvidas: vão diminuindo á medida do crescimento e tornam-se miudas nos individuos mais altos. O *jatobá* abunda em terreno arenoso; entretanto resiste ás enchentes, como o vimos em varios pontos perto do Rio Negro. Em algumas provincias onde a sua expansão é muito mais completa, dão-lhe o nome de *jetahy*.

DIA 23

Passámos logo ao sahir do pouso por bellos reservatorios d'agua, encostados á uns capões quasi continuos e ligados por linhas de *boritys*: lindas lagôas reflectem na superficie serena os elegantes caules das *pindahybas*, cuja folhagem delicada orna troncos lisos e direitos. Depois entrámos em cerrado ralo, em que continuam a apparecer *melastomaceas* de folhas pequenas, lustrosas e glabras, infloresceucia racemosa e flôres miudas e brancas; *jatobás*, *auranciaceas* muito cheirosas, algumas *ilicineas*, *ternstremiaceas*, *bombaceas*, *etc.*

Nos campos que se encravam de vez em quando n'esta zona apparece uma *paineira* de pouco mais de metro de altura, cujos frocos sedosos se despejam á menor aragem. O capim que cresce é todo elle *barba de bode*; em alguns pontos o *gordura* ou *melado*, que dá indicios

de inferioridade de terras. A 5 $^1/_2$ leguas passámos uma das mais afastadas cabeceiras do bello Aquidauána, o corrego da Pontinha, e ahi démos algum descanso aos animaes.

Na matinha das margens vimos tres generos de *melastomaceas*: um com folhas tomentosas, grandes, tendo na base um par de glandulas que distillam um liquido nectarino muito procurado das formigas. Este genero existe junto a corregos da provincia de Goyaz, onde os observámos com alguma frequencia. O outro pertence á tribu das bellas *rhexias* tão vistosas pelo tamanho das folhas; o terceiro não tinha nem flôr nem fructo. As aguas do corrego da Pontinha dirigem-se para OSO., o unico das correntes d'agua d'esta parte que não toma para o quadrante de SE. a procurar a bacia do Paraná. Castelnau, cujos trabalhos, apezar de grandes inexactidões, têm subido valor scientifico, no seu mappa do districto de Miranda faz, com razão, descer um affluente do Aquidauána, do chapadão de Camapuam, affluente que sem duvida é o Pontinha, nome que depende d'uma causa mais chegada a nós — a construcção d'uma ponte —, e n'aquelle tempo não era esse mesmo. Fomos n'esse dia pousar junto a um brejozinho que deu-nos má aguada, depois de 6 $^3/_4$ leguas de marcha.

DIA 24

Do Brejinho seguimos para o pouso do Jabotá, atravessando cerrados aridos, onde apparecem com frequencia as *hymenœas* e muita congonha do matto, (iex). Os pastos são máos, e n'aquella época então completamente estra-

gados pela passagem de grandes lotes de animaes e recovas: os terrenos são planos, bastante arenosos; tambem nos *cerrados* vêm-se arvores mais desenvolvidas e viçosas, como por vezes haviamos feito observação. Depois do Jatobá (a 3 leguas do pouso), entra-se de novo em campos ondulados profundamente, que por todos os lados mostram grandes accidentes de terras e declives cobertos por uma especie delicada de taquara a que chamam *cambaiiva*, e que ahi vimos pela primeira e ultima vez, em todo o correr da viagem. Os fazendeiros queimam esta graminea, cujos rebentões são muito proprios para o gado: entretanto disseram-nos que a presença de taes vegetaes é indicio de esterilidade de terras, como em outras provincias é a da *samambaia* (polypodium) e do *capim-melado* ou *gordura*. Subindo n'um extenso chapadão de 2 leguas, chegámos, á tarde, junto ao ribeirão Sanguesuga, onde fizemos alto, levantando as barracas na margem esquerda d'aquelle bellissimo affluente do Paraná, em que, como todos os mais da zona até Sant'Anna do Paranahyba, rola aguas d'um gosto particular e d'uma alvura surprehendente.

DIA 25

Rapidamente transpuzemos as 3 leguas que separam o Sanguesuga das ruinas de Camapuam, e ao meio-dia avistavamos os restos, para assim dizer, imponentes d'aquella importante fazenda, séde outr'ora de muito movimento, de todo o que se dava por aquelles sertões. Ainda vêm-se vestigios de uma grande casa de sobrado e de uma igreja não pequena ; taperas rodeiadas de matagaes, no meio dos

quaes surgem larangeiras e arvores fructiferas, que procuram resistir á invasão do mato e ainda ostentam fructos, como que attrahindo o homem, cujo auxilio em vão esperam. N'aquellas 3 leguas apparecem signaes de trabalhos consideraveis : estradas de rodagem atiradas por sobre collinas, caminhos roidos pelas aguas, onde transitavam grandes procissões de carros a trabalharem na penosa varação, até o ribeirão Camapuam, dos generos e canôas que demandavam o Coxim e Taquary, com destino a Cuyabá. A fazenda de Camapuam pertenceu por largo tempo a uma companhia formada por tres pessoas, desunidas na associação sómente pela morte ; manteve-se mais ou menos florescente até os principios do seculo presente, existindo ainda escravatura numerosa ás ordens do ultimo administrador, Arruda Botelho, depois de cujo fallecimento ficou o lugar abandonado ou tão sómente habitado por negros e mulatos livres, ou libertados pelo facto de não apparecerem herdeiros de seus possuidores.

Estes mesmos indolentes habitantes hoje estão quasi todos reunidos a $1\ ^3/_4$ de legua de distancia, no lugar chamado Corredor, estabelecido pelos carreiros, que, procurando as forças de Mato-Grosso, paravam na entrada d'aquella provincia, para refazerem a boiada fatigada pela viagem desde Sant'Anna. O ponto do Corredor era além d'isso muito menos sujeito ás febres intermittentes, uma das grandes pragas de Camapuam, e sobretudo estava situado em posição mais aprazivel e pittoresca e não, como aquelle antigo local, abafado (1) entre outeiros abahúlados que bem justificam o seu nome indico *cama*, mama, *poam*, redonda.

(1) Não sabemos que razão tinha Ayres de Casal quando diz que não ha sitio tão azado e vantajoso para uma cidade populosa. (*Corographia Brasilica* pag. 223)

Não é sem curiosidade nem tal ou qual emoção que o viajante encara aquella localidade, tão fallada e notavel nos principios da historia de Mato-Grosso ; ponto então de prazer destacado no meio de vastas solidões, guarda avançada dos portuguezes contra os hespanhóes que vinham até o rio Mondego e fundaram, na margem d'elle o forte Xerez, cuja destruição importou a creação do forte de Miranda que tomou usurpadamente a posição estrategica de Camapuam.

No Corredor achavam-se muitos boiadeiros parados á espera de noticias que, desmentindo os boatos aterradores sobre o destino da força brasileira, permittissem-lhes a continuação da viagem. Foi-lhe, pois, summamente agradavel a nossa chegada, e immediatamente recomeçou o movimento, que viemos apressando até quasi ao chegar a Sant'Anna do Paranahyba, pois em todo o correr da estrada iamos encontrando carros, boiadas e cavalhadas retidas, como no Corredor, pela propalação de sinistras ballelas.

DIA 26

Durante este dia de obrigatoria falha pelo estado de cansaço dos nossos animaes, provimo-nos de viveres para a marcha pelo sertão bruto que iamos atravessar até o Sucuriú, onde se acha o primeiro morador. Fomos, á tarde visitar um aldêamento de indios *Laianos*, formado a $^1/_2$ legua do Corredor, na aba de um serrote, poucos mezes antes de nossa chegada, por aquella gente vinda dos morros depois de abandonarem o acampamento da Boa-

Vista, até o qual chegáramos na nossa exploração á margem direita do Aquidauána, em Março de 1866. (2)

DIA 27

Com a manhã recomeçámos a viagem, vencendo sem detença 3 leguas de terreno profundamente accidentado e morros até o pico da Cilada, o qual tem fórmas d'um tronco de cone e se avantaja a outros que lhe estão proximos. Depois com mais cansaço pelo ardor do sol, caminhámos mais 3 ½ leguas por lugares planos, chegando com o cahir da tarde ao Brejão, pouso marcado de antemão pela natureza do lugar que lhe dá o nome. Com effeito, no seguimento da estrada existem 40 a 50 braças de profundo atoleiro que obrigam os boiadeiros a uma volta de mais de ½ legua pela falta d'uma estiva que pouco custaria lançar. A' pequena distancia do Brejão encontra-se a estrada que vai para os Bahús, estrada aberta para as necessidades de nossa força n'uma linha de 40 leguas pelo pratico Perdigão e pelo capitão Roquette, encarregado do deposito dos Bahús e muito frequentada apezar da quasi completa falta de pastos e agua em toda a sua extensão.

DIA 28

Vencido aquelle tijucal trabalhoso, marchámos por entre cerrados altos 3 ½ leguas até o bellissimo ribeirão Claro, cujas alvas aguas se volvem por sobre um leito de purissima arêa, entre fileiras de elegantes *boritys*. O lugar

(2) *Scenas de Viagem*— Rio de Janeiro— 1868.

convida ao socego: nunca se poderia encontrar melhor ponto para uma agradabilissima parada, tanto mais que a profundeza da corrente obriga a arrear cargas e desensilhar animaes; por isso pudemos aproveitar o offerecimento franco d'um carreiro ahi retido, que sobre o chão e em cima d'umas folhas largas apresentou-nos excellentes salchichas, que comêmos com reconhecimento igual ao appetite. Já então vinhamos sós: o negociante Gouvêa com seus dois camaradas haviam pelo desapparecimento de seus animaes, ficado no Brejão, com promessa, que não pôde realizar, de nos alcançar brevemente.

Com 5 leguas de marcha, fomos pousar na margem direita do Rio Verde, cujas puras aguas reflectem a mataria de suas umbrósas margens, rolando esverdeado contingente para o grande Paraná. Ahi nos recordámos d'aquelle bellissimo ribeirão que com o mesmo nome corta o caminho entre o Coxim e o Rio Negro: fonte para nós, exploradores atirados á frente das forças, de saudosa lembrança. As circumstancias haviam mudado completamente; mil acontecimentos imprevistos se tinham dado, ora agradaveis episodios, ora difficultosissimas conjuncturas. N'aquelle tempo viajámos sob o peso de sinistras previsões; faltos de viveres, em vespera das dôres da fome, com uma pequena escolta e um companheiro, isolados no meio do sertão. Iamos á procura do desconhecido, sondando o terreno, interrogando signaes, sem caminho, sem guia, sem esperanças. São recordações, approximações do espirito desoccupado, comparações, sonhos, as distracções do viajante intelligente que procura, de continuo, reagir contra os habitos materiaes dos seus companheiros de viagem, entregues quasi sempre exclusivamente á procura dos meios de commodidade material. O tempo então é pouco para a satisfação do corpo, n'essas occasiões tão

contrarias a ella, e o espirito vai perdendo diariamente o seu valor pensante.

Junto da margem esquerda do Rio Verde achava-se, por motivo de molestia na comitiva, um negociante chamado Leal, que com carros de mantimentos dirigia-se para as Correntes. A sua gente, toda de cama havia quasi duas semanas, via-se a braços com febres remittentes, e já dois camaradas haviam fallecido. No sertão esses casos não são raros, e todos conhecem mais ou menos as plantas febrifugas, que os proprios doentes vão procurar quando nos intervallos apyreticos: ahi felizmente tinham á disposição o excellente emetico chamado *marinheiro* e grande abundancia de *paratudo e quina do campo.*

DIA 29

Transpondo o Rio Verde a nado, seguimos para o Ranchinho por entre cerrados fechados, onde apparecem muitas *melastomaceas*, e chegámos ao pouso depois de 6 leguas de viagem monotona e incommoda, não só pelo ardente calor do dia, senão pelos continuos zig-zags de caprichosa estrada que alongam as distancias sem razão da procura de declives.

O terreno é todo plano e raros são os accidentes um tanto pronunciados.

Uma cabeceira com má aguada foi o nosso ponto de parada. Alcançado elle, como de costume, desarreiámos os animaes nós mesmos ; e logo tratámos, á espera dos cargueiros, de arranjar fogueira ou elementos para ella, preparando além d'isso o lugar de descarregar e quanto era possivel os meios de armar barraca.

Quem viaja pelo sertão, como nós o faziamos, deve tra-

tar d'esses cuidados indispensaveis ; cada qual toma sua cota de trabalho, e o camarada é um auxiliar que não se póde acabrunhar de serviço.

N'esse dia nossos animaes chegáram já sobre tarde. Só pelas 9 horas pudemos comer a modesta pitança de arroz com carne secca, conchegados ao fogo que brilhava alegre na escuridão d'aquelles ermos, protegendo-nos, mais contra o frio, do que contra os animaes ferozes que por ahi vasqueiros são.

Apezar de tudo, uma noite no sertão é bella. Quando o céo refulge com scintillações que as cidades não conhecem, a inspiração vôa longe sem seguir intento nem formar realizações; á maneira dos passaros de longo vôo, adeja como immovel mas não está parado para poder de momento sulcar grandes espaços. Raras comtudo são essas contemplações ; ahi vem o somno, que encerra as palpebras, fecha o caminho no espirito e prepara o corpo para as fadigas da viagem de amanhã. Que somnos se dormem no sertão ? ! Tão doces !

DIA 30

A jornada foi fadigosa, excessiva talvez. 5 ½ leguas feitas de um só folego levaram-nos ao pouso do Bahú, na fralda de um morro cujas fórmas justificam a denominação, e depois de pequeno descanso recomeçámos a caminhar até o cahir da tarde, para chegarmos ao primeiro morador d'aquellas solidões. Na realidade, apóz 4 estiradas leguas (pois que as ha pequenas e grandes no dizer dos sertanejos), avistámos a sentinella avançada do sertão de Sant'Anna, o retiro do Sr. José Pereira, bom mineiro, que cria algum gado e recebe os viajantes com cordialidade nascida do coração. Bem pago da sorte seja esse ente, que,

dá o que tem, agazalha o transeunte e sorri-se para elle. A hospitalidade não é raro no interior do paiz, mas a amabilidade o é, e muito; de maneira que nos tocava o coração acharmos essas duas qualidades reunidas em quem nos acolhia.

Do Sr. José Pereira gratas recordações temos: d'elle mais do que de ninguem, porque é um bom pai de familia, que vive no deserto e tão tranquillo de si está e tanta confiança inspira, que por certo é homem honesto.

DIA 1 DE JULHO

Com sol alto sahimos d'aquelle agradavel pouso, e ás 2 horas da tarde estavamos na margem do rio Sucuriú, affluente já importante do Paraná. Algumas choças esburacadas abrigam meia duzia de habitantes pauperrimos, amarellados das febres intermittentes e de constituição enfezada, os quaes vivem á mercê de plantações proporcionaes á força de trabalho, representada pela mais completa indolencia. O mais intelligente ente d'aquella tristonha reunião é um homunculo mudo, que enceta e mantem com persistencia conversas por meio de frenetica gesticulação. Que idéa fórma aquella pobre gente da existencia? O proletario nas difficuldades da vida das cidades considera-a um fardo pesado; aquelles devem deixar ir correndo o tempo como elle se apresente, considerando a vida uma necessidade a preencher, se em alguma cousa consideram.

O rio tem 50 a 60 braças de largura: passámol-o n'uma canôa que o mudo guiava tão habilmente que teve uma recompensa pecuniaria capaz de possuil-o de enthusiasmo, uma moeda de prata de 200 rs. Vimol-o pular de satisfação

e exprimir o seu reconhecimento, talvez eterno, por zumbaias e desordenados cumprimentos de chapéo.

Na margem esquerda do Sucuriú fomos pousar em casa de José Verissimo, mulato robusto que traz a sua fazendola n'um bom pé e mantêm sua palhoça em muito asseio. Tratou-nos bem, e com gosto comêmos um *picado* de porco do mato preparado pela dona da casa com algum talento culinario.

DIA 2

Da fazendinha fomos com ligeireza vencendo terreno por já haverem então nossos animaes comido boas rações de milho, e depois de campos mais ou menos ondulados, cerrados e campinas, chegámos com 6 leguas a uma tapera importante, constando de casas arruinadas e de um lindissimo laranjal carregado dos mais saborosos e vistosos fructos. Essa fazenda pertencêra a um collector e tinha sido abandonada por occasião da prisão do seu proprietario, o qual fôra levado de Sant'Anna a Cuyabá em ferros por crime provado de prevaricação e desvio de dinheiros publicos. O aspecto de ruinas é sempre melancolico; essas mais do que outras quaesquer, pois com presteza povoaram-se de phantasmas creados nas narrativas dos tropeiros, que fogem de tal pouso, não só por causas extraordinarias como pelas cobras venenosas que já tem matado ahi a mais de um imprudente. Fizemos provisões de laranjas e seguimos adiante. Uma legua além passámos, n'uma ponte menos má, o correntoso Indaiá, e vencendo um custoso atoleiro, que nos enlameou todo, galgámos uma encosta dominada por uma pittoresca capellinha, tão bem assentada, tão alva, que já de longe consola as vistas e prende o espirito. Está comtudo se deteriorando, e nunca ahi se disse missa por haver

morrido quem a construira com grande custo e perseverança, o dono da fazenda do Váo, fazenda onde chegámos ás 6 horas da tarde, depois de 1 $^1/_2$ de marcha por campos e quasi no fim por mata fechada. Quem nos deu hospitalidade foi uma viuva alquebrada de desgostos, pallida e desgrenhada. Dona da mais importante propriedade d'aquellas 100 leguas em de redor, vivia desconsolada e amofinada, cercada de filhos, que se iam casando dos 18 aos 20 annos, cacheticos e doentios.

DIA 3

Só pelas 2 horas da tarde é que deixámos o Váo: nossos animaes haviam fugido, misturando-se com os outros lotes de tropeiros ahi parados e com destino ás forças, de modo que depois de grande desespero e inutil amofinação é que começámos viagem praguejando contra a facilidade de soltarem-se as cavalgaduras e de abondonal as á propria prudencia. Passámos o rio Indaiázinho n'uma boa ponte e, a $^1/_2$ legua de distancia da fazenda chegámos ao rancho do Manoel Coelho, que forçando-nos a apearmos, mandou preparar incontinente o café da hospitalidade e trazêl-o por seus dois filhos, crianças de uma belleza extraordinaria. As physionomias notaveis não são raras no sertão; vimos até algumas mulheres que poderiam ser qualificadas bellas: entretanto a filha de Manoel Coelho, que apresentou-se sem grande acanhamento e com muita modestia, era uma moça que captivava os olhares de todos os passageiros e cuja formosura era o orgulho d'aquellas localidades. O pai era um pobre homem opilado, que soffria de mal de *engasgo*, molestia que lavra no sertão em concurrencia com as *feridas bravas* e as *maleitas*. O mal de *en-*

gasgo são sempre irritações do estomago exasperadas sem duvida pelos remedios dos curandeiros, que chegam a preconisar e dar como infallivel o leite de *jaracatiá* (3), drastico violentissimo, cuja acção deve ser perniciosa, senão mortal. Manoel Coelho, apezar de fé robusta e da crença na necessidade indeclinavel do remedio, ia-o adiando,e não pouco se alegrou com os nossos conselhos para dissuadil-o d'elle, bem que mais ou menos tarde elle se sujeite á sua violenta acção. Deixando essa gente affavel, seguimos além e fomos por campos cobertos de cerrados, 1 legua adiante ao pouso das Perdizes, junto á um capão de *boritys* e mato.O crepusculo ia se fundindo,era noite escura, e os pios melancolicos d'aquellas aves,que correspondiam-se de todos os pontos, mais entristeciam o lugar. Haviamos deixado a comitiva atrás e nos possuiamos então de lugubres idéas, que se haviam erguido ao aspecto de uma grande cruz fincada sobre uma sepultura. Era alguma victima da maldade dos homens? Algum desgraçado exilado? Não, era um official das infelizes forças de Mato-Grosso, que acommettido de paralysia, alli havia fallecido quando procurava ir se reunir á sua familia.

Ao lado do morto descansáram os vivos; companheiros de uma noite, fruimos transitorio o somno que elle tem eterno.

DIA 4

Cerrados mais ou menos bastos fomos avistando até a Encruzilhada, 1 legua para lá das Perdizes, ponto onde se toma de novo a estrada que no Sucuriú haviamos deixado pelo atalho do Váo mais breve de 12 leguas. A arêa começa a se tornar incommoda e até a villa de Sant'Anna é o

(3) Carica do decaphylla. Os fructos oblongos podem ser comidos, entretanto queimam os labios com o leite que lhes é proprio.

elemento predominante nos terrenos. Tambem, como já haviamos observado, os cerrados vão ficando mais vistosos e não são pouco communs arvores corpulentas, quasi sempre *jetahys*, *canellas de ema*, etc. Quatro leguas de marcha levaram-nos á casa do Ignacinho, antes da qual haviamos passado o bonito ribeirão das Pombas e, depois de 2 horas de descanso, seguimos por arêaes e varzeas até a casa de João Garcia (a 1 $^1/_2$ legua do alto de descanso), parente chegado da fazendeira do Váo. Tambem ahi vimos uma menina quasi moça, de grande belleza, já votada ao sacrificio do casamento com um de seus primos proximos, facto usual no interior, onde as familias mais distinctas são obrigadas a esses enlaces de parentesco pelo pequeno numero de gente de igual classe.

Pouco nos demorámos em casa de João Garcia e fomos formar pouso junto a uma cabeceira que nascia á esquerda da estrada n'um concavozinho de outeiros, muito agradavel e todo coberto de bom pasto, onde fartaram-se os nossos animaes, sempre debaixo de nossas vistas.

DIA 5

A 1 legua do pouso passámos pelo *rancho novo* do José Roberto, homem vigoroso, que a poder dos seus braços e dos de sua mulher havia já limpo uma boa ársa, construido uma confortavel palhada e preparado grandes roçadas. Deu-nos bom leite com farinha de milho, e como nos queixavamos de alguma dôr de cabeça annunciou-nos a estada, n'um rancho immédiato, de um doutor, medico que vinha da villa com remedios para todas as molestias, e que já tinha feito grandes curas em *feridas bravas e maleitas*. Por curiosidade fomos vêr aquelle famigerado esculapio e encontrámos um homem de meia idade, preten-

cioso, quasi grosseiro, e supinamente ignorante, o qual viajava com drogas para impingil-as aos incautos moradores d'aquellas paragens, e que entre mil outras novidades tolas e infundadas, muito nos incommodou com a noticia de que a cholera-morbus fazia grandes estragos na cidade do Rio de Janeiro. Depois verificámos em Sant'Anna que elle transportára aquella epidemia do Paraguay para a capital do Imperio e referia-se á mortandade que então soffria nosso exercito.

Pousámos n'esse dia perto de uma cabeceira depois de 5 leguas de marcha por arêaes que a passagem de carros e animaes vai tornando cada vez de mais difficil viação. Nos cerrados vimos bonitos pés de *murecis* (malpighiaceas), muitas *anonaceas* e sobretudo lindissimas *gomphias* (ochna jabotapita), cujos fructos multicolores, assentes n'um disco ou gynobaze tambem de côr viva, são tão curiosos.

Estes vegetaes até Sant'Anna apparecem com extraordinaria abundancia debaixo da fórma de arbustos elevados.

DIA 6

Desde o primeiro quarto de legua notámos o sensivel declive do terreno: subimos durante 3 leguas por ladeiras suaves até a cabeceira do alto da serra, bonito pouso habitual aos recoveiros, com pasto bom e n'uma chapada limpa, onde vimos pés de *uvalhas*, fructos que em Goyaz na nossa viagem de ida encontraramos frequentes. Do *alto* começámos a descer por agras rampas, cobertas de vegetação pouco commum n'estas paragens: são altas arvores de construcção, *ipés*, *guanandys*, etc., robustos madeiros que encontram na humidade do solo elementos para completo desenvolvimento. Depois de quasi ½ legua de descida, penetra-se de novo em cerrados

e por elles caminha-se até a casa, a 3 leguas do *alto*, do fazendeiro Fabiano, que nos acolheu com a costumada jovialidade, mandando preparar, logo á chegada, uma refeição que elle adubou com suas engraçadas historias do sertão. Pela primeira vez d'aquelles lados, vimos um rebanho de carneiros, carne pouco apreciada no interior, animal pouco estimado quanto á criação pelos cuidados constantes de que necessita quando pequeno e sobretudo quando atacado dos carrapatos, praga d'aquelles campos.

Deixámos o bom Fabiano ás 4 horas da tarde, e fomos fazer pouso junto á casa de Joaquim Leal, 1/2 legua adiante, n'um paiol velho, visto como, por ausencia do dono da propriedade, não ousára sua mulher offerecer-nos a sala dos hospedes. As casas por ahi já vão tendo aspecto mais confortavel; ou cobertas de telha ou de palha, têm proporções vastas, offerecendo grandes accommodamentos; entretanto ainda ha pouco cuidado na conservação da limpeza; o terreiro ainda sempre coberto de sabugos de milho, e porcos aos montões, magros e esfaimados, vagam por toda a parte, perseguindo aos viajantes com grunhidos de fome, misturada de tal ou qual ferocidade.

DIA 7

Do Leal, passando um corregozinho, caminhámos 3 leguas em cerrados, cujas arvores, á maneira de graciosos bosquetes, sombreavam agradavelmente o chão, deixando a vista penetrar por entre elles a seguir a relva que forra o chão. E' um pedaço bonito de estrada e como se póde desejar n'uma feita pela arte até a casa de Albino Latta; depois entra-se em campos dobrados até a villa de Sant'Anna do Paranahyba, 4 leguas distante do Albino. O aspecto da povoação pareceu-nos summamente pittoresco, talvez pelo

desejo ardente de alcançal-a, como o ponto terminal do sertão de Mato-Grosso ou como o ultimo laço que nos prendia áquella provincia, em que tanto haviamos soffrido, talvez pela estação em que chegávamos; na realidade, mettidas de permeio ás casas, moutas copadas de larangeiras, coroadas de milhares de auriferos pomos, ao lado d'outras carregadas de candidas flôres, encantavam as vistas e embalsamavam ao longe os ares, trescalando o especial aroma. Tão boa recommendação não é desmentida pelo sabor dos fructos; de feito, são deliciosos e justificam a reputação de que gozam na provincia de Mato-Grosso.

Transpondo um corregozinho e subindo uma ladeira onde ha miseras casinholas, chega-se á principal rua da povoação, outr'ora florescente nucleo de população, hoje dizimada das febres intermittentes, oriundas das enchentes do Paranahyba, ou pelo menos já estigmatisada d'esse mal, o que quer dizer o mesmo, visto como os moradores que de lá fugiram, não voltam mais. 800 habitantes mais ou menos, 3 ou 4 ruas bem alinhadas, uma matriz em construcção, ha muitos lustros, o typo melancolico d'uma villa em decadencia, o silencio por todos os lados, crianças anemicas, mulheres descoradas, homens desalentados, eis a villa de Sant'Anna, ponto controverso entre as provincias de Goyaz e de Mato-Grosso, pretendendo esta a posse por têl-a fundado e aquella por ter-lhe dado os meios de vida, enviando-lhe, a pedido dos moradores, o mestre escóla, o parocho e outras autoridades. Hoje os moradores formam collegio eleitoral da ultima provincia; entretanto Goyaz não desistiu de suas reclamações e a questão pende dos competentes juizes.

Fomos pousar na casa do major Martim Francisco de Mello Taques, a unica de sobrado da villa, e a maneira hospitaleira com que aquelle cavalheiro nos tratou obriga-

nos a sincero reconhecimento, pois não era ella a manifestação d'esse sentimento natural em todos os homens primitivos, era a pratica d'uma qualidade que havia adquirido predicados só proprios do conhecimento das cidades. Tivemos um jantar delicado, bom vinho, attenções, e por fim excellentes camas, onde, depois de ligeira conversa com o dono da casa, que por delicadeza a encurtou, pudemos estender os lassos membros, costumados, havia muito, ás duras gibas e rugas do couro estendido por terra.

DIA 8

A's 3 horas da madrugada estavamos de pé, acordado pelo sino da matriz, que annunciava a missa encommendada de vespera por nós ao vigario, e envolvidos em ponche á luz da lua, que então brilhava serena, para lá nos dirigimos acompanhados de nossos camaradas.

Eram os primeiros expedicionarios ao norte do Paraguay que diante do altar de Deus agradeciam a Elle a quasi milagrosa salvação, e podemos asseverar que todos nós seguimos o santo sacrificio da missa com a emoção com que assistiriamos ao mais solemne *Te-Deum*. Era, a um só tempo, um hymno de gratidão, de jubilo, uma expressão de tristeza e de luto pelos companheiros que a fatalidade nos havia roubado, por esses que ficaram cobertos da terra estrangeira ou cujas ossadas ainda branquejam insepultas.

A's 11 horas da manhã deixámos a villa e depois de 1 $^1/_2$ legua de marcha passámos uma lagôa que dá nome á um pouso e entramos na mata do rio Paranahyba, a qual conservava em seus terrenos ennatados, lodacentos, e nos troncos de suas arvores, signaes d'uma grande

cheia, não remota. D'esse centro é que irradiam as febres; a putrefacção vegetal, tão fatal aos homens ahi se effectua incessantemente, inficionando a atmosphera 3 e 4 leguas ao redor.

As margens do Paranahyba são naturalmente barrancosas; as aguas são claras, têm velocidade consideravel, que a constante inclinação e esforço dos *sarandys*, em alguns pontos mais proximos das ribanceiras, indicam, a largura é de 350 a 400 braças. Para atravessal-as, existe uma barcaça composta de duas estragadas canôas de *tamboril* mantida pela barreira provincial do Mato-Grosso, que d'ahi tira algum rendimento.

Haviamos emfim transposto aquella divisa famosa nas lendas e conversas do sertão. *Para cá* ou *para lá das Parnahybas* é limite que assignala grandes distincções entre mineiros e paulistas; *para lá* ficam os fracos goianos ou os astutos mato-grossenses, e não é sem orgulho que um homem deixa de dizer « *Note que sou morador para lá das Parnahybas* » quando não se acha em Minas.

DIA 9

Atravessando o rio, pisámos o territorio de Minas-Geraes na sua parte mais occidental, a qual se acha encantoada como nesga de terra, cujos lados são: ao norte o Paranahyba, ao sul o Rio Grande, a convergirem para o ponto de confluencia. Espessa mata de mais de legua e meia é atravessada pelo caminho, e n'elles vêm-se os mesmos signaes mephiticos da margem esquerda; depois cortam-se aquelles campos de uniformes cerrados como os passados e terrenos argillosos até o pouso das Melancias, onde nos apeámos com 6 leguas incompletas, indo pousar n'um ranchozinho novo, ha pouco levantado por um mineiro, que então se achava ausente.

DIA 10

Das Melancias, por campos semelhantes aos anteriores, fomos a 2 $^1/_2$ leguas ao José Quirino, cuja casa é nova e coberta de telha; depois, a igual distancia, ao Jeronymo Queiroz, e a final, 1 legua adiante, ao Joaquim Thiago, onde pousámos. Ahi tivemos a mostra da hospitalidade mineira na sua mais rigorosa fórma. Silencio quasi completo acolheu nossa chegada; só ao tropel dos cavallos uivaram alguns cães e ninguem se mostrou. Debalde batêmos palmas, e de cansados entrámos n'uma sala comprida, onde de vez em quando penetravam gallinhas e porcos. Afinal appareceu uma negra trazendo toalhas, garfos e colhéres que ella depositou sobre uma mesa, preparando logo a refeição com o ar de quem sujeitava-se a um costume que pouco agradava aos seus senhores. feijão, arroz, farinha de milho em abundancia e hervas vieram em seguida, e achámo-nos satisfeitos sem termos a quem agradecer, pois a escrava já havia desapparecido. Não poucas vezes nos aconteceu o mesmo em outras casas; mas isso não deve sér causa de reparo em lugares onde os moradores são obrigatoriamente incommodados pelos viajantes, cuja frequencia não alimentaria hospedarias, mas cujo numero não é tão pequeno para que cada um d'elles cause alegria ao habitante, sobretudo quando este é falto de curiosidade e naturalmente concentrado e desconfiado, como são os mineiros e paulistas.

DIA 11

Do Joaquim Thiago, onde em máo rancho aberto ao frigidissimo vento da noite passámos pessimamente, fomos por campos espaçosos e cobertos de bellos *boritys*, que

novamente encontravamos, até a casa de Antonio de Pauda a 4 leguas do pouso.

Desde perto de Camapuam haviamos perdido de vista os boritysaes tão vistosos em Mato-Grosso, tão preciosos ás paisagens, e já nos suppunhamos despedidos quando com surpresa agradavel contemplámos aquellas palmeiras, sem rival na elegancia, sem competidor na melancolica impressão que incutem.

A casa, dependencias e fazenda do Pauda são muito conhecidas em todo o sertão e com razão tidas como a melhor propriedade n'umas 100 leguas *para cá* e 200 a 300 *para lá* do *Paranahyba;* entretanto, se tão ostentosa fama gozam, tambem o seu possuidor é conhecido como homem tacanho e jactancioso. A hospitalidade ahi é rara e só conquistada a poder de elogios á riqueza, bom gosto e sagacidade do proprietario, insufflações innocentes, que um viajante superior a tão pequenos defeitos e apressado, pratica, ao passo que o arrogante tropeiro, o orgulhoso arrieiro ou o susceptivel mineiro se arredam sobranceiros do caminho da casa e se dirigem para o rancho, construido de proposito por Pauda *para nunca ser incommodado*, e onde por favor vão passar a noite.

De tão heteróclito homem obtivemos comtudo grandes favores, em relação a seus habitos de generosidade. Jantámos, tivemos café, melado e afinal dormimos n'um quarto ao rez do chão, onde peça por peça, e como que impellido por vexame, elle mandou-nos camas, colchões de palha, travesseiros e afinal, quando iamos pegando do somno, lençóes de panno grosseiro. Em compensação elogiamos, e n'isso havia justiça, o aspecto da casa assobradada, a limpeza do terreiro, o pomar ; ouvimos uma historia interminavel que provava a recusa do posto de tenente da guarda nacional ; questionámos um filho em

principios de portuguez e geographia; escrevêmos em voz alta, nas notas de viagem, apontamentos ácerca d'aquelle *notavel* mineiro, estabelecido havia mais de 25 annos n'aquelle lugar, que elle teimosamente intitulava Ribeirão Bonito, quando o povo em massa o appellidava por outro nome, emfim usámos de subterfugiosinhos que nos livraram d'uma noite passada ao frio e ao relento.

DIA 12

Do Pauda fomos, com 7 leguas de cansativa viagem em consequencia do muito calor, á freguezia de S. Francisco de Salles, povoação constante d'umas 40 casas, poucas de telhas, muitas em ruinas, fundada em 1837 pouco mais ou menos, e que nenhum progresso tem tido: definha lentamente, balda das esperanças que melhores condições poderiam fazer nascer, entretanto o terreno é fertil, a posição bonita e a indole dos habitantes boa. Na varzea que se percorre antes de subir a suave encosta em que assentam as casas, vimos pela ultima vez os bellissimos grupos de *boritys*, de modo que ao lugar hoje associamos as idéas de despedida, sempre tristes, d'um dos vegetaes que mais apreciámos no correr da viagem e cada vez mais admiravamos.

Quando passamos pela freguezia pomposamente intitulada pelos lavradores de villa, achava-se ella fóra do seu estado normal de tranquillidade: havia se praticado, dias antes, um roubo de 20:000$000 a um pobre italiano, que os ajuntára percorrendo as provincias do interior com um realejo ás costas e um macaco ao hombro, de maneira que as autoridades procediam ás devassas com a actividade e intelligencia compativeis n'aquellas alturas. O infeliz do *garibaldino* não estava muito esperançado de voltar á

posse do seu peculio, e por toda a parte espraiava-se em lamentações e a todos declarava que aceitaria sem contestação 19:000$000 em lugar dos 20 roubados; appello ingenuo á consciencia dos ladrões, o qual naturalmente não dava fructos.

Para apoiar a asseveração de que a indole dos habitantes de S. Francisco de Salles não póde por este facto ser taxada injustamente, basta dizer que elles todos se mostravam pezarosos de que tal facto succedesse ahi, facto virgem e que, sem duvida com razão, era imputado a um possuidor de tropas, cujo nome não era muito recommendavel na redondeza de 200 leguas.

Hospedámo-nos, na freguezia, em casa d'um bom velho, antigo official de milicias, que guardava do seu tempo de militança o espirito jovial e franco, e no meio de muita historia e anecdotas picantes passámos o resto da tarde e a manhã seguinte.

DIA 13

Com dia já adiantado, sahimos da freguezia, e, depois de $^1/_2$ legua de cerrado, deixando á esquerda uma vereda que leva ao aldêamento dos indios *Cayapós*, ahi estabelecidos ha alguns annos, entrámos na mata do Rio Grande, que é varada por $^1/_2$ legua, até a margem direita d'aquelle rio, no ponto em que conflue o Rio Verde. A paisagem que contempla ahi o viajante é muito bella; as aguas na largura de 450 a 500 braças movem-se magestosamente, espelhando o azul do céo n'uma como que larga bacia, limitada ao longe por alongada ilha que dois ramos do rio circumdam. As matas são extremamente belluosas e a abundancia de pescado é extraordinaria em certas épocas nas qualidades de peixes communs aos rios e cujos nomes

e particularidades em outros trabalhos nossos mais precisos vão relatados.

Grandes caçadas de veados ahi fazem-se, obrigando-se-os a cahirem n'agua e perseguindo-se-os em canôas. Alquebrados de cansaço, os infelizes não escapam das remadas, ou cahem vivos nas mãos dos seus perseguidores. Antas caçam-se do mesmo modo, e todos esses divertimentos venatorios são muito apreciados dos moradores proximos ao rio.

A 6 leguas da villa de Sant'Anna juntam-se o Paranahyba e o Rio-Grande, e a confluencia, segundo m'a descrevêram, deve ser um magnifico ponto de vista, alargando-se o Paraná n'uma superficie quasi dupla da dos seus dois affluentes. O canal profundissimo do Paranahyba permitte a grandes barcas navegação franca, ou pelo menos não difficil, n'uma linha de perto de 120 leguas, desde o porto de Santa Rita na provincia de Goyaz até as Sete-Quédas, do rio Paraná, encontrando-se n'essa distancia a corredeira do Urubú-Punga, que póde ser varada. Com o Rio-Grande não acontece o mesmo : as aguas se espraiam e o fundo é raso, de modo que na passagem de S. Francisco a canôa vai sempre tocada á sirga e em certos pontos o váo é continuo. Levámos uma boa hora na transposição do rio, divisa da provincia de Minas-Geraes, e só ás 2 horas da tarde entrámos em S. Paulo, indo pousar a 1/2 legua da margem esquerda, n'uma fazendola dos canoeiros que nos tinham feito passar.

A barca pertence a esses homens e o preço da passagem não deixa de ser pesado, estipulado conforme a vontade dos donos, a quem pagámos 7$000 por duas ou tres viagens de margem a margem.

A mata do lado esquerdo do Rio-Grande é alta e sombria. Moutas fechadas de *Urucú* (bixa orellana) crescem ao

sopé de grandes arvores, entre cujos troncos os cipós se enleiam de modo tão entrançado que os caçadores têm de romper caminho de machadinha em punho,

Esta floresta liga-se á do Turvo e ás dos confluentes do Tieté n'uma facha de 46 leguas, e é atravessada pelo caminho chamado de S. Bento de Araraquára, um dos melhores meios de communicação para o sul de Mato-Grosso sempre por terra e afastado das vias fluviaes, que são tão funestas nas conhecidas épocas das febres.

De feito, em todos os tempos essa via é transitavel e não sujeita ás molestias derivadas das cheias dos rios ; pelo contrario os habitantes d'aquella zona são corados e gozam laude florescente ; além d'isso todos os declives são excellentes ; o terreno arenoso, e quando em qualquer ponto faz-se derrubada a uberdade do sólo é tão prodigiosa que a mata de S. Bento, conhecida em todo o interior, já tem attrahido numerosos colonos paulistas e mineiros, apezar do trabalho em abrirem no meio dos possantes vegetaes a sua área de cultivo. Por vezes temos chamado a attenção dos que se applicam ao estudo das vias de communicação para o sul de Mato-Grosso para essa bellissima estrada natural reconhecida por aquelles que para lá viajam como a mais commoda e segura e ligada a importantes interesses, pois sua frequencia não só muito desenvolveria cidades de S. Paulo, como Limeira, S. João do Rio-Claro, S. Bento de Araraquára, villas de S. Carlos, S. José do Rio-Preto, e outras povoações ainda em começo, como tambem attrahiria commoda emigração dos sertanejos d'aquella provincia e de Minas para o immenso districto de Sant'Anna do Paranahyba.

DIA 14

Falhámos para mandar lavar a roupa, de tão reduzida

que a traziamos. Passámos o dia revistando manadas de egoas e cavallos, que se criam perfeitamente em todos os pontos d'aquelle fertil e animado sertão,e que o homem do pouso por orgulho mandára tanger do pasto para apresental-os á nossa apreciação. Os animaes mais estimados são os chamados *pampas* e *oveiros*, cujas manchas negras ou alouradas realçam o pello alvo e luzidio; entretanto são cavalgaduras de pouca força e estragam se com facilidade, ao passo que os *tordilhos queimados* ou os *ruços pedrezes*, côres que não são desmentidas nunca, no dizer dos entendidos, tornam-se capazes de robusto serviço.

A andadura predilecta é, com razão, a marcha, bem que em outras provincias seja esse passo pouco recommendavel n'um animal que deve, entre outras qualidades, ser trotão.

DIA 15

Caminhando sempre por mata espessa cortada de quando em quando por campestres e poucos cerrados, chegámos com 5 ½ leguas ao Valerio pobre cultivador que como os outros moradores encravára sua casinhola n'um terreno todo conquistado a machado. Os pastos de capim angola e mimoso são excellentes ; as roças dão muito milho, de maneira que nossa cavalhada fartou se de bom comer além da abobora e canna que mandáramos lhes dar. A gente do Valerio compunha-se de quatro a cinco mulheres de côr parda, filhas de uma avelhantada mulata, cujo pescoço era cingido por uma monstruosa papeira, que fazia em toda extensão um resalto, á guisa d'aquelles collarinhos estufados do seculo XVI. A sua descendencia estava toda affectada d'aquelle mal e nas mais crescidas já assumira elle proporções notaveis.

O bocio ou papo é, como sabe-se, o engorgitamento do corpo thyroideo, d'onde lhe vem tambem o nome de thyroidite: endemico em quasi toda a provincia de Goyaz, é raro na de Mato-Grosso, e com alguma frequencia mais apparece em S. Paulo e Minas-Geraes. A's vezes pequeno tumor enkistado, toma fórmas mui diversas; torna-se bilobado, trilobado até, preso ora á base do pescoço ou pendente de sob a mandibula inferior, com dimensões a poder embaraçar a respiração. Mais commum nas mulheres do que nos homens, o papo é resultado do uso de aguas selenitosas, calcareas, magnesianas e sobretudo faltas de principios ioduretados em individuos de constituições lymphaticas e escrofulosas. A prova a tivemos evidente na nossa estada nos Morros, onde a agua do riacho, que bebiamos impunemente assim como os indios, causaram a outras pessoas principios de papeira, que desapparecia comtudo com o abandono d'aquella por outra extrahida de poços; além d'isso as preparações de iodo são muito aproveitaveis, e presenciámos a resolução não muito morosa d'um papo por meio d'esse remedio applicado externamente.

Deformidade que é de principio repugnante e que o uso mais prolongado de vista não póde tornar toleravel, verdadeiro estigma de raça inferior ou bastarda, ao bocio acompanham sempre a fraqueza constitucional e a imbecilidade, de maneira que ha goyanos que representam a completa degeneração do homem como typo na natureza de belleza e intelligencia.

A familia de Valerio recebeu-nos com affabilidade e forneceu-nos um bom almoço, cedendo-nos, para passarmos a noite, um paiol de milho onde nos accommodámos por cima de espigas e do proprio milho já debulhado.

DIA 16

Com a manhã deixámos com tenção de longa jornada o Valerio e a legua de distancia chegámos á margem direita do rio Turvo, confluente, depois de sua juncção com o Preto, do Rio Grande, e ahi soffrêmos d'esses desenganos tão frequentes em viagem. Nossos animaes desarreiados e promptos para a passagem voltaram de repente cara, e dispararam todos na direcção do pasto que haviam de vespera desfructado, e onde tão sómente pararam, por isso que a estrada, sempre pela mata, impedia que os camaradas podessem lhes tomar a frente. Ficámos, pois, ralados de impaciencia, vendo correrem as aguas toldadas e as horas, e só sobre tarde é que pudemos, com mais 3 leguas, chegar ao pouso das Canôas, onde nos hospedámos na casa do proprietario chamado Flavio.

N'esse ponto termina o primeiro lanço de mata fechada: ha umas 4 leguas de campos, que, como os anteriores, são mais ou menos accidentados, com particularidade de serem muito frequentados das *perdizes* e *codornas*.

No Flavio vimos trabalhos curiosos feitos de algodão; colchas, calças mais ou menos cuidadosamente entrançadas, e por necessidade comprámos por 14$000 dois d'esses objectos, que de muito nos serviram, e que ainda hoje conservamos como lembrança da industria do sertão, industria outr'ora tão activa, hoje decadente pela invasão, nos seus mais distantes pontos, das chitas e fazendas francezas.

DIA 17

Do Flavio com 4 leguas fomos almoçar no João Justino, e entrando novamente em mata que cortámos por 4 outras leguas, descavalgámos na casa de Francisco Jacintho,

onde passámos a noite. Essa vivenda tinha sido, por occasião da festa de S. João Baptista, muito concorrida, recebendo em seus muros habitantes d'umas 50 leguas em redor, parentes, contra-parentes, collateraes e aggregados. A festança durára tres dias, e obrigára a um accrescimo de casa, que o dono preparára com taboas e palha, formando um vasto alpendre, sob o qual se accommodavam á noite os convidados e arranjára-se a hospitaleira mesa. Essas reuniões fazem-se quasi sempre pelo Natal e 24 de Junho, e para ellas guardam-se os baptizados e casamentos, quando ha esperanças de convidar-se algum padre, do contrario para esses sacramentos organisam-se longas viagens em demanda do ponto mais proximo onde haja um sacerdote. Das festas tão alegres do sertão, ficam vestigios, ou na memoria dos que a ellas assistiram, thema de interminaveis conversas, ou nas bandeirolas e mastros que se erguem fronteiros á casa e ornados de imagens santas, quasi todas devidas a ingenuos artistas que são impreterivelmente mais levados pela devoção, do que pelo respeito á arte, pois representam santos de posse de braços descommunaes, pernas microscopicas, emfim com proporções que semelham entidades impossiveis. A intenção os salva e todos summamente respeitam o padroeiro que tão mal figuram. Em Campinas vimos bandeirolas feitas com certo gosto e a procura de que se tornavam alvo indica que o sentimento artistico não é privativo da educação das cidades.

DIA 18

O tempo, que desde o primeiro dia de nossa viagem conservára-se estavel e secco, mudou; toldou-se o céo e espessas nuvens de nimbus annunciaram-nos proximas

e abundantes chuvas; com effeito quando nos achavamos no Salvador, a 1 $^{1}/_{4}$ legua do Jacintho, começou a choviscar, logo depois a chover e debaixo de pancada vigorosa chegámos, molhados até os ossos e famintos, ao arraial de S. José do Rio-Preto, 2 $^{1}/_{4}$ leguas adiante. A chuva desde então não cessou e por todos os dias seguintes sobremaneira nos incommodou, por isso que de novo penetráramos em estrada aberta na mata, onde os ramos pendentes e carregados de gottejantes pingos nos ensopavam a roupa, atrasando-nos desagradavelmente a marcha. Pousámos, por causa da grande tormenta, na unica casa do arraial, coberta de telha, pertencente ao Sr. João Bernardino de Seixas, intelligente paulista, que descende de boa familia e goza de muito conceito em toda aquella redondeza. A povoação consta de meia duzia de palhoças abandonadas na occasião do recrutamento por todos os habitantes que, com excepção do subdelegado, que era o proprio recrutador, haviam fugido para as matas e pontos em que não se tornasse possivel a exigencia do serviço das armas. Ha uma igreginha em construcção, e cremos que por muitos annos fique n'esse estado, quando não se arruine totalmente.

DIA 19

A manhã estava sombria, bem que a chuva amainasse. Cavalgando, pois, em sellins molhados, mettêmo-nos pela mata, cujas arvores ao apartarmos os ramos nos salpicavam d'agua quando nos não açoitavam o rosto levando-nos o chapéo.

Alguns moradores limpam a parte da estrada que se avizinha ás suas casas; outros, porém, não imitam tal cuidado, apezar do incommodo que para elles proprios resulta

da pouca attenção em manter transitavel uma via, excellente por sua natureza e cuja concurrencia de tantas vantagens lhes seria. Por isso em alguns lugares o mato já tem invadido, deitando galhos grossos, que obrigam a abaixar o corpo sobre o animal, quando não são possantes troncos, que atravessados tapam o transito e exigem saltos gymnaticos ao cavallo e ao cavalleiro.

Os terrenos são argillo-silicosos, completamente seccos: lá não apparecem os signaes tão conhecidos e caracteristicos das enchentes e alagamentos; por todos os tempos encontrar-se-ha estrada commoda e sobretudo agradavel de seguir nos bellos dias de sol por sombreada e encoberta que é. Por emquanto iamos soffrendo aguaceiros consecutivos que nos tiravam tal prazer, impedindo, porém, mal que talvez não o pagasse, a praga dos carrapatos vermelhos, que se agarram, no tempo secco, ao viajante e o trazem em continuo desespero.

A 3 $^1/_2$ leguas passámos pela Tapera, casa outr'ora abandonada, hoje habitada e n'um bonito descampado de excellente capim angola, e penetrámos logo na mata, que já se tornava sombria com o approximar da tarde. A noite n'ella nos apanhou, e tão escura ficou que, a medo e fustigado dos muitos ramos que não podiamos apartar, iamos caminhando guiados pelos animaes, a quem haviamos entregue as redeas. A's 9 horas da noite, apezar de serem tão somente 3 leguas da Tapera, é que chegámos á casa do velho Bernardino de Seixas, onde puzemos pé em terra acolhendo-nos ao seu tecto, pingando de molhados. O recebimento foi de alegria, com subsequentes demonstrações, que o nome de doutor com que nos tratavam os companheiros devia provocar da parte d'um homem que estava doente de cama e entregue aos remedios caseiros, em que não tinha confiança. Com certa

dóse de charlatanismo, que não pouco influiu para que comparecesse á mesa uma gallinha, reconhecemos no bom do velho uma forte bronchite e hydropesia aggravada d'uma retenção de ourina, e não eram precisos olhos de medico para tal diagnostico. Um xarope de *quingombós* (hybiscus) feito logo de momento, e diversas chicaras de *velame* (croton fulous), excellente e energico diuretico, muito beneficiaram o doente, que nos mandou dar todas as commodidades possiveis em sua fazenda.

Dormimos em boas camas, ao ruido agradavel da chuva, que o homem por um sentimento egoistico gosta de ouvir quando se acha a coberto.

DIA 20

Só ao meio-dia cessou a violencia do temporal. Indique o céo se conservasse toldado, mettêmo-nos no seguimento da mata, que continúa sem interrupção até o descampado de João Pedro, a 4 leguas de distancia.

As arvores são corpulentas, algumas notaveis pela sua grossura, e entre essas os *guanandys* se avantajam.

Como em todos os pontos d'aquella notavel florestas, mmensos sipós *imbés* e *cissus* se enleiam, se torcem, abarcam troncos enormes, prendem-se por todos os lados, cahem em curvas flexuosas ou estiram-se como rijos cabos, ora alentados sarmentos, ora delgados fios que se balançam á aragem ou ao peso dos passarinhos.

A caça, apezar do máo tempo, mostrava-se abundante; muitos jacús, mutuns, inhambús, piavam incessantes, e gallinholas corriam pela estrada além, antes de tomarem o refugio. Os passaros cantores não eram raros e não raras as mellodiosas notas. Alguns se nos offereceram á vista de

grande belleza na plumagem, talvez só proprios d'aquellas brenhas.

Começam a apparecer *jaboticabeiras* (eugenia cauliflora), umas altissimas, outras de tamanho ordinario e os troncos lisos e brilhantes não pouco accresciam os encantos de certos aspectos florestaes. Os fructos são pequenos e difficeis de colher; entretanto os moradores, apanhando os cahidos por terra, fabricam excellente vinagre, tanto quanto queiram; e essa industria poderia se desenvolver consideravelmente se não fossem as distancias até os primeiros povoados.

No João Pedro comprámos bons queijos e tivemos copioso jantar para cinco pessoas mediante a modica quantia de 2$000. Já vamos deixando os sertões, por isso é de uso saber-se se o proprietario aceita ou não paga; com mais algumas dezenas de leguas, a duvida desapparece completamente e só a poder de dinheiro obtem-se alguma cousa.

DIA 21

Sempre pela mata e caminho regular, plano e secco, com tempo muito melhorado, chegámos com 2 leguas ao João Quirino, e d'ahi a 2 novas leguas ao Manoel Francisco, cuja mulher nos recebeu com amabilidade, bem que suas proporções teratologicas e barbas bastante pronunciadas lhe déssem aspecto algum tanto feroz. Estava só em casa com duas lindas filhinhas e o marido de viagem em negocios, ficando todo o serviço de casa e roça a cargo d'aquella virago, que nos deu de boamente farinha de milho com leite e o biscouto mais saboroso do interior, *a brevidade*, especie de pão de ló. Sobre tarde fizemos ainda outras 2 leguas, pousando na Tapera debaixo da coberta de um rancho abandonado, onde tivemos que curtir frio intensissimo e uma noite desagradabilissima.

DIA 22

Da Tapera começa a parte mais suja e abandonada da estrada, pronuncio da fazenda mais importante de toda aquella zona, cujo possuidor porém é dotado de um espirito tão avarento e descuidado em negocios de limpeza, que seu nome é symbolo de nenhum asseio e de brutalidade. Durante 3 leguas tivemos quasi que romper mato fechado desviando-nos de immensos troncos, desenvencilhando tapumes de ramos, attendendo ao chapéo, ao animal, aos espinhos, e praguejando contra tanto deleixo da parte do morador e dos viajantes menos apressados do que nós. Afinal sahimos em descampado, que fôra aberto n'uma superficie de quasi 2 leguas e plantado de gramma, em que algumas arvoresrespeitadas pelo machado por causa de sua pujança e tamanho projectavam a comprida sombra. Numerosos rebanhos de egoas e poldrinhos *pampas* pastavam, assim como algum gado. Estavamos em terras de José Francisco, cognominado o *Capa-preta*. A casa d'esse homem é uma baiúca indescriptivel: baixa, em ruinas, costuma reunir em seu asqueroso bojo cães, porcos, gatos, pelles a seccarem, outras apodrecendo, e todos os máos cheiros que podem offender um olfato delicado. Ainda mais, um tremendo lameiro do limiar da porta se estende n'umas quatro braças ao redor,e n'elle se revolvem capados e leitões: ao lado de tal chiqueiro fica um curral igualmente nojento comparavel ao do rei Augias, e como esse só com os braços de Hercules, e o Pactolo ás ordens, de possivel limpeza. Bramavam ahi dia e noite bezerros fazendo berraria insupportavel,e quando um d'elles morria jogava-se aos porcos, que na immunda luta para devoral-o atiravam lama por cima do telhado, como o presenciou um companheiro nosso.

Capa-preta não estava na sua confortavel habitação; fôra com uma vara de porcos viajar até as cidades mais chegadas de S. Paulo, deixando-a com certeza de que ninguem se lembraria de lá pousar e usar de seus commodos.

Seguimos com effeito, sem parar, 2 1/2 leguas até o ribeirão dos porcos, que, apezar de cheio, passámos em pessima pinguela e fomos, 1 1/2 adiante, pousar n'Agua Limpa junto a uma pobre casinha, rodeada porém de lindo pomar e cujas vizinhanças contrastavam de todo com o notavel descuido do famigerado *Capa-preta*. Os campestres vão sendo mais frequentes, a mataria já não é tão basta. A estrada continúa muito propria para ser melhorada com facilidade.

DIA 23

Transposta 1 legua de mata, chegámos á casa de um pobre morador, e 1 1/2 legua adiante á fazendola de Francisco o Emboaba, ou o portuguez. Recomeça a floresta avultando em numero e belleza as *jaboticabeiras* por mais de 1 legua e 1/4; e de longe, ganhando-se o descampado, avista-se a casa do capitão Almeida, que, contra o costume geral de edificar nas baixadas junto a corregos, construira no alto uma morada agradavel, que uma facilima canalisação abastecia de agua excellente. A vista que aquelle bondadoso e avelhantado homem tem perennemente diante de si é linda e ao mesmo tempo, como todas as paisagens do sertão, melancolica, quasi contristadora. As gradações de côr que tomam os campos até o azul deluido e vaporoso produzem uma impressão funda, como que de desgosto e desapego á terra, que só conhece quem a sentiu.

Sentimol-a ainda ahi, entretanto como por protesto fizemos bom acolhimento ao almoço que nos trouxeram, e com alento novo fomos pousar a 1 legua do Almeida no

Matão, em casa de João Rodrigues, que se dedica ao cultivo do tabaco e á factura de rôlos de fumo. O embriagante aroma apressou o fecharem-se as palpebras, retendo-nos no somno mais do que desejáramos

DIA 24

Com mais 2 leguas de mata, entrámos finalmente em campo aberto, terminando ahi essa floresta, que quasi continuadamente atravessa-se desde as margens do Rio Grande e que constitue o chamado sertão de Araraquára, debaixo da invocação do santo a cuja villa chegámos pela tarde com mais 3 leguas de caminho.

Em S. Bento de Araraquára fomos tratados da maneira a mais franca e obsequiosa pelo digno juiz de direito da comarca, e na sua mesa, servida com luxo, encontrámos os delicados manjares que haviamos deixado ao entrar nas solidões do interior.

A villa é bonita, pelo menos tal nos pareceu. bem provida de generos e com tal ou qual animação de sociedade. Distinctos cavalheiros ahi existem, e nos arredores contam-se vastas fazendas que representam posses já avultadas.

O café e o algodão são os principaes generos de cultivo cujo producto recompensa sempre com usura os cuidados que lhes são dispensados.

D'ahi por diante os meios de viajar são commodos ; a estrada, muito frequentada, segue quasi em linha recta, e hospedarias mais ou menos bem fornidas são os pousos que o viajante procura e não as fazendas, em que elle é bem tratado, mas percebe que é causa de incommodo.

DIA 25

De S. Bento de Araraquára fizemos 7 leguas até a nascente povoação de S. Carlos, pittoresca e faceira na sua

recente *voga*. As casas são todas novas e pintadas a capricho, as ruas alinhadas, bem que pessimamente niveladas.

Já ha uma igreja e um hotel em que se come em mesa redonda. Ahi jantámos e seguimos 1 legua mais, até o Mello, onde pousámos.

DIA 26

Do Mello até o Feijão por estrada muito arenosa 6 leguas, d'ahi a S. João do Rio-Claro, cidade já importante, 3 outras.

Fomos parar no hotel allemão e comêmos pela primeira vez, depois de dois annos de separação, pão excellente. Ha casas luxuosas e a igreja é muito bonita.

DIA 27

De S. João á cidade da Limeira medeiam 3 leguas. Com dia fresco as vencêmos e chegámos quasi á hora do jantar ao hotel, tendo tempo de dar umas voltas pelas ruas da cidade, cujo crescimento é patente e promette não parar. Com a fresca da tarde e já entre lusco e fusco fomos mais 3 leguas e 1/2 além, á *ponte do Atibaia*, passando a noite n'uma estalagem muito asseiada.

DIA 28

Da ponte até Campinas existem 6 leguas; a meia distancia fica a formosa colonia do senador Vergueiro, denominada Ibicaba e toda formada de allemães agricolas, cujas casas rodeiam os immensos estabelecimentos da fazenda, ou se acham ao longo da estrada. O estado d'essa colonia já foi mais prospero, entretanto esforços novos parece

devem restabelecêl-a no antigo pé, attrahindo mais vigorosa corrente de emigração, que encontra n'aquelle clima uma transição suave da zona temperada para a intertropical.

A' 4 1/2 horas da tarde entravamos pelo bairro de Santa Cruz em Campinas, e com prazer contemplámos na estrada o entroncamento de outra que nos representava a viagem de ida a Mato-Grosso, começada d'esta cidade em direcção a Uberaba e terminada ahi, vindo de S. João do Rio Claro, depois de fechada uma immensa curva de 660 leguas.

DIA 29

Nas diligencias do francez José Cases percorrêmos com rapidez as 6 leguas que distam até Jundiahy, villa quando haviamos passado em 1865, hoje cidade em grande desenvolvimento, até que a mudança da estação terminal da estrada de ferro para Campinas venha modifical-o ou talvez pêal-o totalmente. Em Jundiahy telegraphámos para o presidente da provincia referindo-lhe as noticias de Mato-Grosso.

DIA 30

Pelo trem de cargas das 6 horas da manhã partimos para S. Paulo, e ahi chegámos ás 8 1|2, indo logo a palacio, onde o Exm. Sr. presidente Tavares Bastos nos acolheu com grandes demonstrações de apreço pelas novas de que eramos portador.

Pelo breve passeio que pudemos dar pela cidade achámol-a augmentada e sobretudo embellecida.

DIA 31

A's 9 horas partimos pelo trem da serra, descendo os seus agros declives durante 3 horas pela tracção de cabos

metallicos postos em movimento por tres estações de machinas.

Esses trabalhos são admiraveis, e as perspectivas gigantescas: obras monumentosas, que vencem o empinado dorso da serrania e cujo maior inconveniente para o viajante é prenderem por tal modo a attenção, que o maravilhoso panorama do Cubatão fica-lhe para elle completamente perdido.

Ao meio dia estavamos em Santos, d'onde depois de almoçarmos no hotel Millon sahimos no vapor *Paulista* ás 2 horas da tarde.

DIA 1° DE AGOSTO

A viagem foi bôa; pela manhã avistava-se já o Pão d'Assucar e ás 11 horas fundeou o vapor no ancoradouro. Recebido por nossos parentes e amigos, tivemos logo que acudir ás exigencias officiaes, relatando ao ministro da guerra de viva voz os acontecimentos que eram razão da nossa viagem. O acolhimento que elles mereceram na opinião do Monarcha e em breve tempo do paiz foi doce consolação e paga dos soffrimentos passados, os quaes pouco a pouco, nas doçuras da vida de familia, foram recebendo do tempo a natural influencia, dimanando de sua lembrança o sentimento de satisfação em os haver supportado e, graças á Divina Providencia, podido superar.

Pirayú (na republica do Paraguay), 28 de Julho de 1869.

A ACADEMIA BRASILICA DOS RENASCIDOS

ESTUDO HISTORICO E LITTERARIO

Lido no Instituto Historico e Geographico Brasileiro

PELO SOCIO EFFECTIVO

CONEGO DR. J. C. FERNANDES PINHEIRO

Multa renascentur qua jàm cecidere......
(Horatius— Ars Poetica— vers 70)

A extrema benevolencia com que o Instituto acolheu o meu Estudo sobre a *Academia Brasilica dos Esquecidos* animou-me a proseguir nas pesquizas relativas á existencia e desenvolvimento das associações litterarias que houve em nossa terra durante o regimen colonial. Respingando nas velhas chronicas e nos carcomidos manuscriptos um ou outro facto isolado, seguia alli, ou acolá, um vestigio que mais além se apagava; e cheguei a desesperar de poder pagar-vos o annual tributo, desempenhando da obrigação contrahida na ultima sessão ordinaria de 1868. Permittiu, porém, minha boa estrella que, compulsando os documentos que vos foram offerecidas pelo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, deparasse com alguns apontamentos relativos a uma sociedade que existiu na Bahia em 1759 com o titulo de *Academia Brasilica dos Renascidos*. Resolvi para logo utilisar-me d'elles em complemento do anterior estudo, offertando-vos est'outro, ainda mais exiguo na substancia e na fórma.

A *Academia Brasilica dos Esquecidos* celerbára a sua derradeira sessão no dia 4 de Fevereiro de 1725, e, interrompendo seus trabalhos por motivos que não estão ainda bem averiguados, deixou de si honroso abono nos tres

grossos volumes, hoje felizmente recolhidos á nossa bibliotheca. Desde então até o anno de 1736 não sei que alguma sociedade ou academia se fundasse em qualquer sitio da opulenta colonia luso-americana. Organisou-se, porém, no anno supra indicado (de 1736) n'esta boa cidade do Rio de Janeiro uma associação que denominou-se *Academia dos Felizes*, tomando por empreza Hercules a afugentar com a clava o ocio, e por divisa a letra *Ignavia fuganda et fugienda*. Bem que favoneada pelo governador que em seu proprio palacio a hospedára, fugaz, mas não de todo improficua, lhe fôra a existencia, porquanto algumas memorias ahi se leram que revelavam não vulgares conhecimentos por parte de muitos de seus socios. Apreciando taes escriptos, eis como se exprimia o visconde de S. Leopoldo :

« Rastejando vestigios de suas funcções, deparei com algumas memorias no gosto e estylo d'aquelles tempos, recitadas em suas reuniões por um seu mais abalisado e laborioso membro, o Dr. Matheus Saraiva, physico-mór do presidio do Rio de Janeiro, medico da camara e cirurgião-mór da capitania. » (1)

Houve mais outra academia, que se apavonou com o pretencioso nome de *Academia dos Selectos*, julgado pelo nosso consocio o Sr. Norberto do seguinte modo: « A *Academia dos Selectos* teve uma duração ephemera : consistiu unicamente na reunião dos eruditos da cidade do Rio de Janeiro no palacio do governador e capitão-general Gomes Freire d'Andrade para applaudirem em prosa e verso as

(1) *Desenvolvimento do programma historico* « O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO É O REPRESENTANTE DAS IDÉAS DE ILLUSTRAÇÃO QUE EM DIFFERENTES ÉPOCAS SE MANIFESTARAM EM NOSSO CONTINENTE » impresso na *Revista Trimensal do Instituto*, tomo I, pag. 81.

suas virtudes e acções, sendo que o mesmo general acabava de ser promovido ao posto de mestre de campo general, e ao emprego de primeiro commissario da medição e demarcação dos limites meridionaes do Brazil. » (2)

Parece que uma unica sessão celebrou essa academia escolhendo para tal fim o dia 30 de Janeiro de 1752, e empregando toda a pompa e esplendor compativeis com as circumstancias do paiz. Peçamos ao já referido nosso collega o Sr. Norberto que nos introduza n'esse douto congresso:

« Um brilhante concurso affluiu ao palacio (diz o erudito escriptor): todas as classes da cidade ahi estavam representadas: era o povo e a nobreza da colonia; e o clero, tão instruido n'aquelle tempo, vinha tambem depôr aos pés do virtuoso Gomes Freire d'Andrade as producções de seu espirito, os versos compostos em latim, hespanhol e portuguez, sob o titulo de musa jesuita, benedictina, seraphica e carmelitana. No meio d'essa illustre multidão distinguia-se a figura nobre e elegante do governador, rodeado de seus ajudantes d'ordens e das principaes autoridades; e entre os academicos, que tinham á sua frente o seu presidente e o seu secretario, viam-se varões distinctos não só pela sua posição na sociedade, como pelos seus conhecimentos e talentos. » (3)

Dissipado o fumo dos thuribulos, findos os convencionados applausos, dissolveu-se a academia; e sobre emperrados quicios gyraram as bronzeas portas do templo das letras brasilicas.

Sete annos depois vemos surgir na cidade do Salvador

(2) AS ACADEMIAS LITTERARIAS E SCIENTIFICAS NO SECULO XVIII. — *A Academia dos Selectos.* — Estudo Historico, impresso na REVISTA POPULAR, tomo XV, pag. 263.

(3) Vide *Revista Popular*, tomo XV, pag. 368.

da Bahia de Todos os Santos uma sociedade, cuja denominação era um solemne protesto contra as idéas obscurantistas, uma alta aspiração a continuidade d'um pensamento que em outra éra assomára a mente d'alguns prestimosos cidadãos: a *Academia dos Renascidos* reclamava a herança jacente da dos *Esquecidos*, e firmava seu direito na identidade de fins e analogia de meios.

Inaugurada a 6 de Junho de 1759, justificava sua existencia pela *necessidade d'erigir um padrão da alegria que sentiram os habitantes da Bahia com a noticia do perfeito restabelecimento de Sua Magestade Fidelissima, depois da perigosa enfermidade, e do seu affecto á real pessoa.* (4)

Compunha-se a Academia de 40 socios effectivos e 76 supra numerarios: a empreza era a phenix fitando os olhos no céo, e a divisa a letra—*multiplicabo dies.*—

Juntarei em appendice a lista dos socios d'ambas as categorias, para que por ella se possa formar approximada idéa do gráo d'adiantamento intellectual em que se achava o Brasil n'esse tempo.

Consta que tornaram os academicos a reunir-se nos dias 21 de Julho, 4 e 18 d'Agosto, 1, 15 e 23 de Setembro, 18 e 27 d'Outubro, 10 e 24 de Novembro, 8 e 17 de Dezembro de 1759; 31 de Março de 1760, 12 e 26 d'Abril d'esse mesmo anno, marcando-se em todas as reuniões os pontos que deveram ser tratados nas futuras conferencias.

Engolphada se achava a Academia no estudo de importantissimas questões (5), quando o raio da ira ministerial

(4) Formaes palavras dos estatutos, approvados n'essa primeira sessão.

(5) No annexo á memoria do visconde de S. Leopoldo, supra citado vê-se a serie de pontos litterarios e scientificos distribuidos a varios socios.

veiu fulminar seu director perpetuo, o conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, lançando o pasmo e o terror em tão pacifica assembléa. Debalde tomára por Mecenas o conde d'Oeyras, que então dirigia o timão do Estado, debalde se collocára sob a egide real, seus dias estavam contados e o dente venenoso da calumnia cravou-se nas flaccidas carnes d'um venerando ancião, d'um magistrado integerrimo, d'um desvelado cultor das letras.

A mais formidavel de quantas accusações se podiam articular n'essa época— a da inconfidencia—, foi assacada contra Mascarenhas, que d'um instante para outro desceu do pedestal em que seus serviços e virtudes o haviam sublimado para rojar no pó da ignominia e do desprezo. Sepultado nos carceres d'uma fortaleza, ahi permaneceu por largos annos, sendo considerado morto pelos seus mais proximos parentes, até o anno de 1778, em que regressou ao reino a bordo da náo *Nossa Senhora d'Ajuda.*

A mór parte dos trabalhos lidos n'*Academia dos Renascidos* submergiram-se no olvido; e apenas de dois tenho conhecimento, sendo um manuscripto e outro impresso. Intitulava-se o manuscripto « Historia Militar do Brasil desde 1547 até 1762. Offerecida a el-Rei D. José I e composta por José Miralles, tenente-coronel d'um dos regimentos da cidade de S. Salvador, Academico d'Academia Brasilica dos Renascidos » (6) Não me consta que

(6) Segundo um documento que tenho á vista esta obra foi inspirada a Miralles por outra d'Ignacio Barbosa Machado, — membro d'Academia dos Esquecidos e dedicado a Vasco Fernandes Cesar de Menezes. Eis como se denominava a obra de Machado.

« *Exercicios de Marte, Nova Escola de Bellona, Guerra Brasilica, ou Dissertações criticas historicas do descobrimento e origens dos povos e regiões d'America, povoações, conquistas, guerras, e victorias*

esta obra, que devêra encerrar factos mui curiosos, e que grandes subsidios forneceria á historia, fosse destinada a impressão, e, o que é ainda mais lastimavel, considero-a inteiramente perdida, ou escondida nos antros d'algum bibliotapho.

Da officina typographica de Francisco Luiz Ameno na cidade de Lisboa sahiu no anno de 1760 a seguinte obra :

« Culto Metrico, Tributo Obsequioso que ás aras da Sacratissima Pureza de Maria Santissima, Senhora Nossa e Mãi de Deos, dedica, offerece e consagra pelas sagradas Mãos do Exm. e Revm. Sr. D. José Botelho de Mattos, Arcebispo da Bahia, Primaz dos Estados do Brasil, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, e presidente do Supremo Tribunal da Mesa de Consciencia e Ordens, dos seus escravos o mais rendido Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque, fidalgo da casa de Sua Magestade, doutor nos sagrados canones pela universidade de Coimbra, ouvidor e provedor que foi da comarca d'Alemquer, cavalleiro professo na Ordem de Christo, alcaide-mór da villa de Maragogippe, e secretario de Estado e Guerra do Brasil, Censor da Academia Brasilica dos Esquecidos. » (7)

Conforme os estatutos academicos, foi a obra submettida ao crysol dos censores, sendo para isso designado o Revm. João Borges de Barros, thesoureiro-mór da Sé da Bahia, protonotario apostolico e desembargador numerario da relação ecclesiastica, e o Dr. João Ferreira

com que a nação portugueza conseguiu o dominio das quatorze — Capitanias que formam a Nova Lusitania, ou Brazil — Bahia, 1º de Junho de 1723.

(7) Devo a obsequiosidade do dignissimo Bibliothecario da Bibliotheca Nacional e Imperial d'esta côrte, o Rev. Sr. P. M. Frei Camillo de Monserrate, o ter podido consultar e extractar esse rarissimo opusculo que em nenhuma outra parte me fôra possivel encontrar.

Bittencourt e Sá, juiz de fóra do civel e crime da cidade da Bahia, provedor das capellas e residuos, defuntos e ausentes.

Como specimen do estylo da época e do modo por que era então entendida a critica litteraria, peço permissão ao Instituto para citar integralmente o parecer do ultimo dos referidos censores :

« Preclarissimos senhores.— Este livro que VV. SS. me mandão ver e pretende dar ao prelo o seu autor, nosso academico e doutissimo censor, o Sr. Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque, contém em si materias tão sublimes e cantos tão suaves, que parece ser todo inspirado do céo, ainda que organisado na terra, favor na verdade particular de que foi dotado o autor, não só como devoto, mas como poeta :

Cœlo Musa venit

cantou Horacio, e Ovidio

Impetus hic sacræ semina mentis habet

«He o soberano objecto d'esta obra a Imperatriz dos céos Maria Nossa Senhora. He tão sublime a musa do nosso academico que a sahir do eminente cume do Parnaso, só passaria, como passou, ao mais elevado apice do Olympo. Feliz idéa, divino furor, soberana inspiração, que de todo se emprega em formar harmoniosos cantos que mais parecem angelicos do que humanos! N'elles se encontram profundos mysterios, n'elles os versos são tersos, e por elles merece o autor não só a licença que pede para a impressão, mas uma bem tecida corôa em premio de tão agradavel trabalho. Isto é o que me parece, VV. SS. mandarão o que forem servidos.—Bahia, 5 d'Agosto de 1759. »

O poema que servia d'assumpto a tão bombasticos elogios não passa d'uma insulsa narrativa da vida da Virgem

Santissima desde a conceição até a assumpção, recheado d'allegorias de pessimo gosto e entretecido d'antitheses e trocadilhos. Avalie o Instituto do merito litterario de semelhante obra pelas seguintes estancias que passo a ler-lhe :

« Foy empenho de Deus por alta traça
Para mãy, para Esposa e para Filha,
Conceber-se a senhora em tanta graça
Que fosse da Trindade a maravilha :
Nasça embora d'Adão da mesma massa,
Que esta Divina Aurora as sombras trilha
Desfazendo qual sol bello e preclaro
As trevas com mais luz que o dia claro.

Foy a mãy do peccado enriquecida
De graça original : logo era justo
Que a Mãy da graça fosse concebida
Em toda a graça, isenta a todo o susto,
E se quem causa a culpa, prevenida
Foi da graça, como vemos
Antecipadas tem da graça extremos

O nome de Joaquim interpretado
Foy graça, o qual foy Pay d'esta Senhora,
Tambem d'Anna o nome celebrado
Foy graça, que foy Mãy da bella Aurora
He logo por discurso bem formado
Em graça a Conceição que a igreja adora ;
Pois quem de dois principios vem de graça
Não se concebe na fatal desgraça. »

Si Garrett qualificava a *Ulysséa* de Gabriel Pereira de Castro, onde aliás existem tantas bellezas, de prototypo da *Phenix Renascida*, o requinte do gongorismo, o que não diria elle se tivesse de julgar o *Culto Metrico* do Dr. José Pires de Carvalho e Albuquerque ?!

Si é verdade que pelos fructos se conhecem as arvores —*ex fructibus eorum cognoscetis eos*—, o engenho poetico

dos *Academicos Renascidos* não levava as lampas ao dos *Esquecidos*, com que n'outra occasião vos entretive. Era, porém, de esperar que a acção do tempo polisse as asperezas que se notam, e que o espirito d'associação multiplicando as forças apressasse o feliz momento em que a sordida lagarta, despertando-se do lethargico somno, se metamorphoseasse em iriante borboleta.

ANNEXO

AO ESTUDO HISTORICO E LITTERARIO INTITULADO

A ACADEMIA BRASILICA DOS RENASCIDOS

CATALOGO ALPHABETICO DOS ACADEMICOS DE NUMERO DA ACADEMIA BRASILICA DOS RENASCIDOS, QUE HA DE ESCREVER A HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA. 31 DE JULHO DE 1759.

1 O Rev. Dr. Amaro Pereira de Paiva, presbytero do habito de S. Pedro, prégador, commissario do santo officio, juiz conservador dos religiosos benedictinos de Nossa Senhora da Graça da Bahia, e advogado nos auditorios da relação da mesma cidade.

2 Antonio Gomes Ferreira Castelbranco, fidalgo da casa real, sargento-mór do terço de auxiliares do reconcavo e cidadão da ordem dos vereadores da Bahia.

3 O Rev. Antonio Gonçalves Pereira, doutor theologo, desembargador da relação ecclesiastica da metropole, mestre escola da sua sé primaz, commissario apostolico da bulla da santa cruzada em todo este arcebispado, examinador de confessores, prégadores e ordinarios, e seis vezes visitador geral da cidade da Bahia e seu reconcavo, juiz commissario das dispensações, juiz conservador dos monges de S. Bento, academico que foi da *Academia dos Esquecidos*, e examinador de philosophos nos estudos geraes da companhia de Jesus.

4 Antonio José de Sousa Portugal, sargento-mór d'um dos regimentos de infantaria da guarnição da Bahia, e cidadão da ordem dos vereadores da mesma cidade.

5 O Rev. Dr. Antonio de Oliveira, mestre em artes e theologo pelos estudos geraes do Brasil, e n'elles muitas vezes examinador de philosophia. missionario apostolico de Sua Santidade, e duas vezes

visitador geral n'este arcebispado com poderes de chrismar por indulto do summo pontifice Benedicto XIV. Academico que foi da *Academia dos Esquecidos.*

6 O Rev. padre Fr. Antonio de Santa Eufrasia Barbosa, duas vezes prior do convento de Sergipe d'El-Rei, ex-reitor do collegio do Pilar na Bahia, ex-provincial e visitador geral da ordem dos religiosos carmelitas calçados.

7 O Rev. padre Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, prégador e chronista-mór da sua seraphica provincia de Santo Antonio do Brasil e ex-definidor da mesma.

8 Bernardo Marques d'Almeida e Arnizau, cavalleiro fidalgo, professo na ordem de Christo, familiar do santo officio do numero da inquisição de Lisboa, capitão de auxiliares da guarnição d'esta cidade, cidadão da ordem dos vereadores.

9 O Rev. Dr. Bernardo Germano d'Almeida, commissario do santo officio, desembargador da relação ecclesiastica d'esta metropole, conego da sua sé primaz, juiz dos casamentos e procurador geral dos indios.

10 Bernardo José Jordão, capitão engenheiro.

11 O Rev. padre mestre Fr. Calixto de S. Caetano, ex-provincial dos religiosos benedictinos d'este Estado.

12 Francisco Xavier de Araujo Lassos, mestre em artes e theologo, bacharel em *utroque jure*, formado pela universidade de Coimbra, examinador que foi muitas vezes de philosophia nos estudos geraes da companhia de Jesus, e quatro vezes vereador da camara d'esta cidade, em uma das quaes serviu de juiz pela ordenação, e de juiz de orphãos, e provedor das capellas e residuos, e dos defuntos e ausentes, e provedor da casa da santa misericordia.

13 O Rev. padre Fr. Francisco Xavier Feijó, monge de S. Bento.

14 O Rev. padre Fr. Ignacio de Sá e Nasareth, examinador das ordens militares pelo supremo tribunal da mesa da consciencia e ordens, mestre jubilado na sagrada theologia, ex-primeiro definidor na sua religião de Nossa Senhora do Carmo, reitor no seu collegio de Nossa Senhora do Pilar na cidade da Bahia, examinador n'este arcebispado.

15 O Rev. Dr. João Borges de Barros, primeiro desembargador numerario da relação ecclesiastica d'esta metropole, thesoureiro-mór da sua cathedral, e repetidas vezes visitador d'esta cidade e arcebispado do Brasil, e ex-governador do mesmo arcebispado.

16 João de Couros Carneiro, escrivão proprietario da camara d'esta cidade.

17 O Dr. João Ferreira Bittencourt e Sá, juiz de fóra do civel e crime d'esta cidade.

18 O Dr. João Pedro Henriques da Silva, desembargador dos aggravos da relação da Bahia.

19 O Rev. padre mestre Fr. João de S. Bento, duas vezes ex-provincial, visitador geral dos carmelitas calçados, e actual prior do convento capitular de Nossa Senhora do Carmo da Bahia, do qual já tinha sido outra vez prior.

20 José Alvares da Silva Lisboa, homem de negocio da praça d'esta cidade.

21 José Antonio Caldas, capitão engenheiro e academico da academia militar da Bahia.

22 O Rev. José Antonio Sarre, mestre em artes, bacharel em sagrados canones, examinador dos bachareis e licenciados em philosophia nos estudos geraes da companhia n'esta capital, e na do Rio de Janeiro, presbytero secular luteranense, natural do reino do Algarve.

23 O Rev. Dr. José Corrêa da Costa, presbytero secular e advogado nos auditorios d'esta cidade.

O Dr. José Felix de Moraes, medico do partido de Sua Magestade. (Foi riscado por indigno d'este emprego.)

24 José Lopes Ferreira, inspector da mesa da inspecção d'esta cidade pela corporação dos homens de negocio.

25 José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, moço fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, do conselho de Sua Magestade, e do ultramar, deputado da mesa da consciencia e ordens, juiz executor da real fazenda da bulla da santa cruzada, academico de numero da academia real da historia de Hespanha em Madrid, e de geographia e mathematica de cavalleiros de Valhadolid e Salamanca, e doutor em leis pela universidade de Coimbra.

26 D. José de Miralles, tenente-coronel d'um dos regimentos de infantaria da guarnição d'esta cidade, academico que foi dos *Esquecidos* da Bahia.

27 O Rev. padre Fr. José da Natividade e Figueiredo, monge de S. Bento e prégador geral da sua religião.

28 O Rev. Dr. José de Oliveira Bessa, conego na sé primaz d'esta

metropole, ex-visitador do reconcavo e examinador de philosophia nos estudos geraes da companhia.

29 José Pires de Carvalho e Albuquerque, fidalgo da casa de Sua Magestade, doutor em sagrados canones pela universidade de Coimbra, ouvidor e provedor que foi da comarca de Alemquer, cavalleiro professo na ordem de Christo, alcaide-mór da villa de Maragogype, e secretario do Estado e guerra do Brasil.

30 O Rev. padre Fr. José dos Santos Cosme e Damião, examinador das ordens militares pelo supremo tribunal da mesa da consciencia e ordens, mestre de sagrada theologia, ex-definidor da sua provincia de Santo Antonio do Brasil da ordem seraphica, examinador do arcebispado da Bahia e bispado de Pernambuco, e qualificador do santo officio pelo supremo tribunal da santa inquisição de Lisboa.

31 O Rev. Dr. José Telles de Menezes, conego na primaz d'esta metropole.

32 O Dr. Luiz José de Chaves, que foi physico-mór do Estado da India.

33 O Rev. Manoel Ferreira Neves, presbytero secular, e mestre em artes.

34 O Rev. padre Fr. Manoel de Jesus Maria de Sousa, religioso dos carmelitas calçados do Brasil, prégador e chronista-mór da sua religião.

35 O Rev. padre Fr. Manoel de Jesus Maria Pinto, mestre presentado, e actual lente de theologia na sua religião de Nossa Senhora do Carmo.

36 O Rev. padre Fr. Pascoal da Resurreição, monge de S. Bento, e doutor jubilado em sagrada theologia.

37 Rodrigo de Argollo Vargas Cirne e Menezes, coronel de um dos regimentos de cavallaria do reconcavo.

38 Rodrigo da Costa de Almeida, cavalleiro professo na ordem de Christo, cidadão da ordem dos vereadores, lugar que occupou duas vezes na camara da Bahia, provedor proprietario da alfandega da mesma cidade.

39 Silvestre de Oliveira Serpa.

40 O Rev. Dr. Wenceslão Pinto de Magalhães Fontoura, desembargador da relação ecclesiastica, e vigario da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, ex-visitador do sertão de baixo e da cidade de Sergipe d'El-Rei, e examinador de philosophos nos estudos geraes da companhia.

CATALOGO DOS ACADEMICOS SUPRANUMERARIOS DA ACADEMIA BRASILICA DOS RENASCIDOS, 31 DE JULHO DE 1759

1 D. Agostinho de Montiano y Loyondo, do conselho de Sua Magestade Catholica e seu secretario de graça e justiça, director perpetuo da academia real da historia de Hespanha, numerario da academia da lingua hespanhola, e da de bellas-artes de Sevilha, senielario na das bellas-artes da côrte de Madrid, supranumerario da de Barcellona, e entre os academicos arcades de Roma socio com o titulo Leghinto Dulichio.

2 O Rev. padre mestre Fr. Alexandre da Purificação, lente de theologia no seu mosteiro benedictino de Pernambuco.

3 O muito reverendo Dr. Antonio Bernardo de Almeida, natural da cidade da Bahia, lente de vesperas de canones na universidade de Coimbra, deputado do santo officio, conego doutoral na Sé de Braga, collegial e muitas vezes reitor do collegio pontificio de S. Pedro, socio da academia liturgica pontificia.

4 O Rev. padre Antonio Cordeiro, mestre da sagrada theologia na congregação do oratorio de S. Philippe Nery.

5 O Rev. padre Antonio da Costa, mestre da sagrada theologia na congregação do oratorio de S. Philippe Nery, e proposito actual do seu convento no Recife.

6 Antonio Felix Mendes.

7 O Dr. Antonio Ferreira Gil, que foi desembargador de aggravos e ouvidor geral do civel na relação da Bahia, e juiz commissario das execuções da fazenda real.

8 O Rev. Antonio Ferreira Mendes, vigario da freguezia de Nossa Senhora da Madre de Deus do Boqueirão.

9 Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, fidalgo da casa de Sua Magestade, cavalleiro da ordem de Christo, alcaide-mór da villa de Iguarassú e Goyana, e tenente-coronel do regimento da praça de Olinda.

10 Antonio Joaquim de Araujo Vellasco Leite.

11 Antonio José Xavier Pacheco de Sousa, fidalgo da casa real, commendador da commenda de Santa Maria Moreira, na ordem de Christo.

12 Antonio Luiz Lisboa, intendente da real casa da fundição das minas de S. Felix dos Goyazes, e bacharel formado pela universidade de Coimbra.

13 Antonio Pereira Corrêa, vigario da vara, e da parochial igreja de S. Joseph nas minas dos Tocantins dos Goyazes.

14 Antonio Pereira de Viveiros, fidalgo da casa real e procurador da cidade de Lisboa.

15 O Rev. padre Antonio Rodrigues Nogueira, visitador actual do sertão debaixo d'este arcebispado, que foi vigario collado da freguezia de Santo Estevão de Jacuipe, e hoje da igreja do Espirito-Santo da villa Nova Abrantes.

16 Antonio de Saldanha de Albuquerque, gentil-homem da camara de Sua Alteza Real o Sr. Infante D. Manoel, deputado do tribunal da junta dos tres Estados, academico da academia dos occultos, da academia real da historia portugueza, e da liturgica pontificia dos sagrados ritos, e historia ecclesiastica de Coimbra.

17 O Rev. padre mestre Fr. Antonio de S. Bernardo, monge de S. Bento, mestre jubilado na sagrada theologia, ex-abbade do seu mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro.

18 O Rev. padre mestre Fr. Antonio de Sampaio, religioso da provincia de Santo Antonio, e lente actual na religião.

19 Antonio Vieira de Mello.

20 O Rev. padre Fr. Bento da Apresentação, ex-guardião do convento de S. Francisco do Paraassú.

21 O Rev. Bento Luiz Pereira de Lençóes, vigario collado e da vara da freguezia de Jaguaripe.

22 O Dr. Claudio Manoel da Costa, morador na cidade de Marianna.

23 D. Domingos de Loureto Couto.

24 O Rev. Domingos da Silva Telles, presbytero secular e prégador.

25 Eleonor Cicile Gujon Disiers, que foi guarda-marinha de França, e é capitão de uma das companhias da mesma marinha e tenente de navio (ou capitão-tenente de mar e guerra das armadas de Sua Magestade Christianissima), major da esquadra franceza que se acha actualmente n'este porto da Bahia commandada pelo cavalleiro Marnière, e academico numerario da academia estabelecida na cidade de Brest do reino de França.

26 D. Fernando de Velasco, desembargador do supremo tribunal da relação de Valhadolid, academico de numero das academias reaes de historia de Hespanha e de geographia e mathematica de cavalheiros de Valhadolid.

27 O Rev. padre Philippe Benicio, presbytero secular.

28 Philippe José da Gama, academico da real academia de historia portugueza, e official da secretaria de Estado dos negocios do reino.

29 O Dr. Francisco Alvares de Pina Bandeira e Mendonça.

30 Francisco Calmon, fidalgo da casa real.

31 Francisco Gomes de Abreu e Lima, fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, vereador eleito do senado da camara da Bahia e provedor da saude.

32 O Rev. Dr. Francisco Guedes Cardoso de Menezes, chantre da cathedral de Pernambuco e juiz dos conventos, secretario adjunto do Exm. Revm. Sr. bispo d'aquella diocese na reformação dos religiosos da companhia de Jesus.

33 Francisco de Pina e Mello, moço fidalgo da casa real, academico da academia real de historia portugueza, e do congresso dos occultos de Lisboa.

34 Francisco de Sousa da Silva Alcanphorado Rebello, fidalgo da casa real e senhor da Illma. casa de Silva e da Torre de Frasão na provincia do Minho.

35 Francisco Velho da Costa, moço fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, alcaide-mór de Torres Novas, desembargador do Porto.

36 O padre Francisco Xavier Feijó, monge de S. Bento.

37 Francisco Xavier Leite, capitão-mór da ordenança da Villa Boa, capitania de Goyazes, e cavalleiro professo na ordem de Christo.

38 Francisco Xavier de Miranda Henriques, moço fidalgo da casa real e capitão-mór da Parahyba, que tambem foi capitão-mór do Ceará e Rio-Grande do Norte.

39 O Rev. padre Fr. Fructuoso Pereira do Rosario, prégador na religião carmelitana.

40 O Rev. padre Fr. Gaspar da Madre de Deos, monge de S. Bento, mestre jubilado na sagrada theologia.

41 O sargento-mór Jeronymo Mendes da Paz, intendente das minas novas Kiriris.

42 Ignacio Barbosa Machado, desembargador da casa da supplicação, academico de numero da academia real da historia portugueza e da academia liturgica pontificia de Coimbra, que foi academico e lente de historia militar na academia dos *Esquecidos* da Bahia.

43 O Dr. Ignacio da Fonseca Leal.

44 O Rev. padre Ignacio da Silva, mestre de theologia na congregação do oratorio de S. Philippe Nery.

45 João Pereira Velho do Amaral, ajudante de um regimento da guarnição do Recife.

46 João Manoel de Mello, moço fidalgo da casa real, academico da academia dos occultos de Lisboa, governador e capitão-general da capitania de Goyazes, do conselho de El-Rei Nosso Senhor.

47 D. João Manoel de Sontondery Zorrilla, collegial do collegio maior de Santo Ildefonso na universidade de Alcalá, conego doutoral da santa igreja de Segovia, e bibliothecario-mór da real bibliotheca publica de Sua Magestade Catholica na côrte de Madrid, academico da academia real hespanhola, e academico honorario da academia das tres nobres artes na referida côrte.

48 O desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho Alarcão e Mello, doutor nos sagrados canones pela universidade de Coimbra, oppositor ás cadeiras da mesma faculdade e ouvidor da comarca de S. Paulo.

49 João do Rego Castelbranco, capitão de infantaria na Parahyba.

50 O Rev. João Rodrigues de Almeida, presbytero secular e prégador.

51 O arcediago João Rodrigues Pereira, bacharel formado nos sagrados canones pela universidade de Coimbra, primaz e dignidade da sé do Gram-Pará.

52 João de Sousa Tavares, bacharel formado pela universidade de Coimbra, advogado nos auditorios das Minas de Paracatu.

53 O desembargador João Tavares de Abreu, cavalleiro professo na ordem de Christo, intendente do ouro e presidente da mesa da inspecção da cidade do Rio de Janeiro.

54 O capitão-mór João Teixeira de Mendonça, que foi do numero dos academicos *Esquecidos* da Bahia, cidadão que foi muitas vezes da ordem dos vereadores na camara da Bahia e proprietario de um dos officios de escrivão do civel da mesma cidade.

55 Joaquim Ignacio da Cruz, homem de negocio d'esta cidade.

56 José Alvaro Pereira Sodré, moço fidalgo da casa real e inspector da mesa da inspecção nomeado pela camara da Bahia.

57 José Caetano da Silva de Loureiro, bacharel formado pela universidade de Coimbra.

58 O Rev. José Pacheco Pereira de Almeida e Vasconcellos, natural da cidade da Bahia, fidalgo capellão da casa real, mestre em artes, e vigario da igreja de Nossa Senhora da Conceição de Mato Dentro.

59 José de Seabra e Silva, moço fidalgo da casa real, professo na ordem de Christo, desembargador da casa da supplicação, juiz dos

confiscados e ausentes, ouvidor das capellas d'El-Rei D. Affonso, fiscal da junta do commercio e da companhia do Gram-Pará e Maranhão, que serve de juiz executivo da bulla da Santa Cruzada.

60 O Rev. padre Fr. José dos Santos, carmelita.

61 O Rev. Fr. Leandro do Sacramento, mestre em theologia na sua provincia de Santo Antonio do Brasil, examinador das ordens militares pelo supremo tribunal da mesa da consciencia e ordens e tambem examinador do arcebispado.

62 O Rev. Lopo Gomes de Abreu e Lima, fidalgo da casa de Sua Magestade, presbytero secular.

63 O Rev. padre Manoel Alvares Pereira, vigario da freguezia de Nossa Senhora do Rosario da Barra do Rio de S. Francisco.

64 O Rev. padre Fr. Manoel do Cenaculo, doutor na sagrada theologia pela universidade de Coimbra, secretario na provincia da ordem terceira de S. Francisco, e academico do numero da academia marianna de Lisboa.

65 O Rev. Manoel de Cerqueira Torres, mestre em artes, theologo e presbytero secular.

66 Manoel Coelho de Carvalho, philosopho e theologo.

67 O Rev. Manoel Ferreira do Couto e Saboya, doutor pela universidade de Coimbra, desembargador da relação ecclesiastica do bispado do Porto e n'elle juiz dos casamentos e do tombo da mitra.

68 Manoel Gomes de Lima, que foi secretario e é da academia real Portopolitana.

69 O Rev. padre mestre Manoel de Macedo, natural do Brasil, religioso da congregação de S. Filippe Nery, e academico do numero da academia real da historia portugueza.

70 O padre Fr. Manoel Nunes, ex-provincial dos religiosos mercenarios do Maranhão.

71 Manoel Xavier Ala, cavalleiro professo na ordem de Christo, tenente-coronel de um dos regimentos de infantaria da guarnição da Bahia, cidadão que foi provedor da saude e da camara da mesma cidade.

72 O Rev. padre Fr. Matheus da Encarnação e Pina, ex-provincial dos monges de S. Bento no Brasil, doutor e mestre jubilado na sagrada theologia.

73 O Dr. Matheus de Saraiva, physico-mór do Rio de Janeiro.

74 O Dr. Miguel Luiz Teixeira da Cunha, natural do arcebispado da Bahia, vigario geral e provisor do bispado de Miranda.

75 D. Miguel de Medina, do conselho de Sua Magestade Catholica com honras de seu secretario, e actual contador-mór do novo tribunal de meyas, annatos, espolios e vacantes ecclesiasticos de toda a monarchia de Hespanha, e academico de numero da academia real da historia em Madrid.

76 Pedro Dias Paes Leme, fidalgo da casa real, seu guarda-mór geral das minas, commendador das commendas de Alverca e de S. Euricio e Sonfim de Nespereira da ordem de Christo, e alcaide-mór da cidade da Bahia,

77 Pedro José da Silva Botelho, fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade no ultramar, academico da academia dos occultos de Lisboa, da academia real da historia portugueza, e da liturgica pontificia de Coimbra.

78 Pedro Leonino Mariz, natural do Brasil, intendente do ouro das Minas-Novas do Arassuahi.

79 Romão Gromacho Falcão, cavalleiro professo na ordem de Christo.

80 O Rev. padre Fr. Salvador Corrêa de Sá, doutor em theologia pela universidade de Coimbra, ex-geral dos monges de S. Jeronymo, consultor da bulla da Santa Cruzada, academico da academia da historia portugueza, e da liturgica pontificia de Coimbra.

81 Sebastião Borges de Barros, cavalleiro professo na ordem de Christo e capitão-mór da villa de Santo Amaro.

82 O Rev. padre mestre D. Thomaz da Encarnação, natural da cidade da Bahia, conego regular luteranense, doutor na sagrada theologia pela universidade de Coimbra, lente de historia ecclesiastica no real collegio da sapiencia na mesma universidade, e censor nato da academia liturgica pontificia.

83 O Rev. Vicente da Costa Teixeira Bittencourt, mestre em artes, bacharel formado nos sagrados canones e presbytero secular, ex-visitador do reconcavo d'esta cidade da Bahia.

A CONSTITUIÇÃO DO BRASIL

NOTICIA HISTORICA

Lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro

PELO SOCIO EFFECTIVO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

I

Lembrar a éra da instituição da lei fundamental do paiz, recordar os factos, reviver as noticias d'esse grande acontecimento politico, evocar os nomes dos obreiros d'esse livro monumental chamado Constituição, escripto por um principe magnanimo e por dez conselheiros, repetir em phrase chã e singela os factos, os titulos que recommendam á posteridade os nomes d'esses cidadãos, eis o que vamos expôr n'estas paginas, dignas, é certo, de serem inspiradas por espiritos mais levantados e intelligencias mais robustas; porém a mesma magnitude do assumpto e a benevolencia dos que nos ouvem escuda-nos e alenta-nos a levantar a voz no seio d'esta academia.

Em 3 de Maio de 1823, ao som do hymno da patria, ao troar da artilheria e no meio de vivas e enthusiasticas acclamações, abriu o fundador do Imperio a primeira assembléa nacional do Brasil. Dois dias depois nomeava esse corpo constituinte uma commissão encarregada de organisar o projecto das bases da constituição brasileira, a qual ficou composta dos seguintes deputados: Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, José Bonifacio de Andrada e Silva, Antonio Luiz Pereira da Cunha, Pedro de Araujo Lima, hoje marquez de Olinda, Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá, José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada e padre Francisco Muniz Tavares.

Em 1º de Setembro apresentou Antonio Carlos o projecto de constituição organisado pela supracitada commissão, e assignado com restricções por alguns membros, entre outros pelo deputado Araujo Lima, que divergiu em diversos pontos.

Quinze dias depois abriu-se a longa e calorosa discussão do projecto constitucional, ostentando na tribuna os primeiros oradores da assembléa a força dos seus argumentos e as galas de sua locução ; mas um decreto do governo veiu emmudecer os Lycurgos e cerrar as portas do novo areopago.

Dissolveu o decreto de 12 de Novembro de 1823 a primeira assembléa nacional do Brasil. Eis o decreto :

« Havendo eu convocado, como tinha direito de convocar, a assembléa geral constituinte e legislativa, por decreto de 3 de Junho do anno proximo passado, afim de salvar o Brasil dos perigos que lhe estavam imminentes ; e havendo esta assembléa perjurado ao tão solemne juramento que prestou á nação de defender a integridade do Imperio, sua independencia e a minha dynastia : hei por bem, como Imperador e defensor perpetuo do Brasil, dissolver a mesma assembléa, e convocar já uma outra na fórma das instrucções feitas para convocação d'esta, que agora acaba, a qual deverá trabalhar sobre o projecto de constituição que eu lhe hei de em breve apresentar, que será duplicadamente mais liberal que o que a extincta assembléa acabou de fazer. Os meus ministros e secretarios de Estado de todas as differentes repartições o tenham assim entendido e façam executar a bem da salvação do Imperio.

« Paço, 12 de Novembro de 1823, 2º da independencia e do Imperio.—Com a rubrica de Sua Magestade Imperial. —*Clemente Ferreira França.—José de Oliveira Barbosa.* »

No dia immediato publicou-se a seguinte proclamação do Imperador aos brasileiros :

« Uma só vontade nos una. Continuemos a salvar a patria. O vosso Imperador, o vosso defensor perpetuo vos ajudará, como hontem fez, e como sempre tem feito, ainda que exponha sua vida. Os desatinos de homens allucinados pela soberba e ambição nos ião precipitando no mais horroroso abysmo. E' mister, já que estamos salvos, sermos vigilantes, qual Argos. As bases que devemos seguir, e sustentar para nossa felicidade, são : independencia do Imperio, integridade do mesmo, e systema constitucional. Sustentando nós estas tres bases sem rivalidades, sempre odiosas, sejam por que lado encaradas, e que são as alavancas (como acabastes de ver) que poderiam abalar este colossal Imperio, nada mais temos que temer. Estas verdades são innegaveis, vós bem as conheceis pelo vosso juizo, e desgraçadamente as ieis conhecendo melhor pela anarchia. Se a assembléa não fosse dissolvida, seria destruida a nossa santa religião, e nossas vestes seriam tintas em sangue. Está convocada nova assembléa. Quanto antes ella se unirá para trabalhar sobre um projecto de constituição que em breve vos apresentarei. Se possivel fosse, eu estimaria que elle se conformasse tanto com as vossas opiniões, que nos pudesse reger, ainda que provisoriamente, como constituição.

« Ficai certos que o vosso Imperador a unica ambição que tem é de adquirir cada vez mais gloria, não só para si, mas para vós, e para este grande Imperio, que será respeitado do mundo inteiro. As prisões agora feitas serão pelos inimigos do Imperio consideradas despoticas. Não são. Vós vêdes que são medidas de policia, proprias para evitar a anarchia e poupar a vida d'esses desgraçados, para que possam gozar ainda tranquillamente d'ellas, e nós do

socego. Suas familias serão protegidas pelo governo. A salvação da patria, que me está confiada, como defensor perpetuo do Brasil, e que é a suprema lei, assim o exige. Tende confiança em mim, assim como eu a tenho em vós, e vereis os nossos inimigos internos e externos supplicarem a nossa indulgencia. União e mais união, brasileiros; quem adheriu á nossa sagrada causa, quem jurou a independencia d'este Imperio, é brasileiro.

« IMPERADOR. »

Ordenára o decreto de 17 de Novembro que se procedesse á eleição de deputados da nova assembléa geral constituinte e legislativa.

Exaltára os animos, irritára os partidos a dissolução da constituinte, e profunda sensação causou no espirito publico a prisão, ás portas da assembléa, dos deputados Antonio Carlos, Martim Francisco, Montezuma, hoje visconde de Jequitinhonha, Rocha, e o padre Belchior Pinheiro de Campos. José Bonifacio havia sido preso em sua casa. Todos elles foram desterrados para Europa. Procurou o Imperador diminuir a impressão má produzida por aquelle golpe de Estado; além da proclamação do dia 13, publicou um manifesto no dia 16, em que declarou que, se arduas e arriscadas circumstancias obrigaram-no a pôr em pratica um remedio tão violento, cumpria observar que males extraordinarios exigem medidas extraordinarias, e que era de esperar e crêr que nunca mais seriam necessarias. (1) Além d'isto, para afastar de si qualquer desconfiança ou suspeita ácerca de suas vistas futuras, resolveu D. Pedro,

(1) Veja o manifesto que S. M. o Imperador dirigiu aos brasileiros no dia 16 de Novembro de 1823, com o objecto de aplacar a impressão causada pela dissolução da assembléa constituinte.

aconselhado por politicos previdentes, apressar a organisação do projecto que devia outorgar ao povo as garantias constitucionaes.

Alguns dias depois d'aquelle acontecimento politico appareceu estampado nos periodicos o seguinte decreto, creando o conselho de Estado, datado em 13 de Novembro, e não em 26 como escreve o nosso historiador o general Abreu e Lima.

Diz o decreto :

« Havendo eu, por decreto de 12 do corrente, dissolvido a assembléa geral constituinte e legislativa, e igualmente promettido um projecto de constituição, que deverá, como tenho resolvido por melhor, ser remettido ás camaras para estas sobre elle fazerem as observações que lhes parecerem justas, e que apresentarão aos respectivos representantes das provincias para d'ellas fazerem o conveniente uso quando reunidos em assembléa, que legitimamente representa a nação; e como, para fazer semelhante projecto com sabedoria e apropriação ás luzes, civilisação e localidades do Imperio, se faz indispensavel que eu convoque homens probos e amantes da dignidade imperial e da liberdade dos povos : hei por bem crear um conselho de Estado, em que tambem se tratarão os negocios de maior monta, e que será composto de dez membros; os meus seis actuaes ministros, que já são conselheiros de Estado natos, pela lei de 20 de Outubro proximo passado ; o desembargador do paço Antonio Luiz Pereira da Cunha, e os conselheiros da fazenda barão de Santo Amaro, José Joaquim Carneiro de Campos e Manoel Jacintho Nogueira da Gama, os quaes terão do ordenado 2:400$ annuaes, não chegando a esta quantia os ordenados que por outros empregos tiverem.

« O ministro e secretario de Estado dos negocios do Im-

perio o tenha assim entendido, e faça executar, expedindo as ordens necessarias.

« Paço, em 13 de Novembro de 1823, 2º da independencia e do Imperio.—Com a rubrica de S. M. o Imperador.—*Francisco Villela Barbosa.* »

Os seis conselheiros ministros da corôa eram: Marianno José Pereira da Fonseca, João Severiano Maciel da Costa, Luiz José de Carvalho e Mello, Francisco Villela Barbosa, Clemente Ferreira França e João Gomes da Silveira Mendonça.

Corresponderam os dez conselheiros aos desejos do monarcha e da nação; aproveitaram o trabalho da constituinte dissolvida, discutiram-no, ampliaram-no, deram-lhe melhor fórma, mais methodo e adequada redacção; colhêram algumas idéas em um projecto de constituição publicado no *Correio Brasiliense*, e estudando os codigos constitucionaes dos paizes estrangeiros dotaram o seu paiz com a lei fundamental dos direitos e liberdades politicas; reunidos na casa n. 17 da praça da Acclamação, celebraram repetidas e longas sessões, animando-os e illuminando-os com seu voto n'essas contínuas conferencias D. Pedro I, o rei libertador e legislador.

Em quinze dias cumpriram os legistas a sua missão, elaboraram o codigo civil e politico do Brasil, assignaram-no em 11 de Dezembro de 1823, e alguns dias depois davam-lhe publicidade os prélos da typographia nacional, sob este titulo—*Projecto de Constituição do Imperio do Brasil, organisado no conselho de Estado, sobre as bases apresentadas por S. M. I. o Sr. D. Pedro I.*

Remetteu-se o projecto de constituição ao senado da camara, que reconhecendo o desejo do povo de ver sanccionados seus direitos e garantias politicas, publicou em 20 de Dezembro o seguinte edital:

« O illustrissimo senado d'esta muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro, annuncia ao publico que, tendo recebido por portaria de 17 do corrente o projecto de constituição arranjado no conselho de Estado, sobre as bases offerecidas por S. M. o Imperador, para sobre elle fazer as suas reflexões, como o mesmo augusto senhor havia ordenado por decreto de 13 de Novembro do presente anno, o mesmo illustrissimo senado communica a todas as classes de cidadãos que, havendo lido e examinado o dito projecto, não achára reflexão alguma a fazer, antes encontrára uma prova não equivoca do liberalismo de S. M. Imperial, de seu ministerio e de seu conselho de Estado; que n'estes termos o senado, por julgar ser conveniente á felicidade publica, e por evitar o grande intervallo de tempo que estariamos sem uma lei que nos regulasse; vendo ao mesmo tempo que não poderá haver constituição mais liberal que esta apresentada por S. M. Imperial do projecto, porque então seria a destruição do systema monarchico constitucional que abraçámos e de bom grado jurámos; vendo tambem que não podia ser menos liberal, porque então, encontrando a vontade geral dos povos, estes o não quereriam abraçar, mui principalmente estando como estão tão inteirados do liberalismo de S. M. Imperial; e vendo ultimamente que uma nova assembléa geral constituinte e legislativa nada mais poderia fazer do que aceitar este projecto, ou discutindo-o fazer outro no mesmo sentido, mas por outras palavras, o que levaria pelo menos dois annos, e n'este tempo correria risco a nossa segurança publica, pois que poderia apparecer a anarchia, o maior dos flagellos do mundo, além de que as outras nações não nos achando constituidos estariam em observação, e não reconheceriam, como muito convém, a nossa independencia, mui necessario este reconhecimento para conso-

lidar este rico, fertil e vasto Imperio: tem resolvido que na sala do mesmo illustrissimo senado, dois dias depois de affixado este primeiro edital nos lugares do costume, existam dois livros em que todos os cidadãos, livremente e sem a mais pequena coacção, possam assignar, em um os que quizerem se jure este projecto e que fique approvado como constituição do Imperio, e no outro os que não forem deste parecer, para que o senado, conhecendo assim a opinião geral, esta guia dos governos constitucionaes, e grande mestra do mundo, possa solemnemente pedir a Sua Magestade o Imperador, em nome do povo, que este quer que o mesmo augusto senhor mande executar aquelle projecto como constituição do Imperio, e que a assembléa que se haja de eleger pelos actuaes eleitores seja já na fórma do dito projecto, que para sempre deverá ficar como constituição politica do Imperio. E para que chegue á noticia de todos se mandou lavrar o presente, que será publicado e affixado em todos os lugares publicos d'esta cidade. »

Ouviu o povo a voz da municipalidade, attendeu ao seu chamamento, e mais de seis mil cidadãos declararam nos paços do concelho que por constituição jurada aceitavam o projecto elaborado no conselho de Estado; e reconhecendo o senado da camara qual era a opiniao publica officiou, em 3 de Janeiro de 1824, ao ministro do Imperio, pedindo-lhe solicitasse do Imperador a graça de marcar o dia em que devia ser-lhe entregue a representação do povo para jurar-se aquelle projecto como constituição politica do Imperio. Respondeu o ministro que o Monarcha receberia a deputação no paço da cidade ao meio-dia do dia 9.

No dia 5 appareceu nos lugares publicos o edital seguinte:

« O illustrissimo senado d'esta muito leal e heroica cidade do Rio de Janeiro communica ao publico que, ten-

do-se reconhecido de um modo não equivoco que a vontade geral do povo é que se peça a S. M. Imperial que mande jurar e observar, como constituição politica do Imperio, o projecto, que o mesmo augusto senhor offereceu, o mesmo senado, tendo pedido a S. M. Imperial que lhe designasse o dia para em solemne deputação apresentar ao mesmo augusto senhor a sua representação, S. M. Imperial se dignou, annuindo aos votos do mesmo senado, assignar o dia 9 do corrente, ao meio-dia, o que participa o mesmo senado ao publico, para que todos os cidadãos que quizerem possam concorrer no mencionado dia aos paços do concelho, para d'alli se dirigir á presença de S. M. Imperial; e o mesmo senado espera que o mesmo publico dê, como costuma em taes occasiões, os signaes de seu publico contentamento. E para que chegue á noticia de todos se mandou lavrar o presente, que será affixado nos lugares publicos d'esta capital. Rio de Janeiro, em vereação de 5 de Janeiro de 1824.—*Lucio Soares Teixeira de Gouvêa.*—*Antonio José da Costa Ferreira.*—*Luiz José Vianna Gurgel do Amaral e Rocha.*—Procurador, *Manoel Gomes de Oliveira Couto.*

« Está conforme.—*Francisco Pereira de Mattos.* »

Em 9 de Janeiro, anniversario do memoravel dia do —Fico—dirigiu-se ao palacio imperial o senado da camara, acompanhado de muitos cidadãos distinctos, do general das armas e toda a officialidade, e perante o soberano recitou o presidente do senado, Lucio Soares Teixeira de Gouvêa, um patriotico discurso, em que declarou que o povo recebia, aceitava e queria se jurasse desde já, como lei fundamental do Imperio, o projecto de constituição apresentado ao paiz pelo monarcha. Em seguida o capitão de cavallaria de guarnição Lourenço Junior de Castro ma-

nifestou em um discurso serem identicos aos dos fluminenses os sentimentos do povo do Rio-Grande do Sul.

D. Pedro respondeu ao senado n'estas palavras :

« Folgo muito e me lisongeio sobremaneira vendo que esta provincia se agradou tanto do projecto de constituição, que quer que elle se jure, e que para sempre nos reja como constituição do Imperio. Eu sinto não poder immediatamente dar uma resposta definitiva, por ser por ora esta provincia unicamente a representante. Espero, porém, que os mesmos desejos appareçam em outras, e logo que estes se patentêem da mesma maneira expedirei as ordens necessarias para jurarmos o nosso pacto social.

« Esse dia será memoravel nos fastos da historia brasileira. O de hoje não o é menos por duas razões : a primeira por ser aquelle em que eu comecei a ser brasileiro e mostrei a confiança que tinha nos meus patricios, e a segunda por ser o em que elles mostram tão explicitamente a confiança que têm em mim. Jurado que seja o projecto, como constituição, passaremos do estado de convulsão ao de uma estabilidade inabalavel. Comtudo, para dar a esta provincia uma prova não equivoca do apreço que faço da sua representação, e a todas as outras da confiança que n'ellas tenho, e fiado em que Deus, que até hoje nos tem ajudado, jámais deixará de olhar com suas benignas vistas para a terra de Santa-Cruz, passo já a mandar suspender as eleições para a assembléa constituinte. N'aquelle projecto estão exarados os meus sentimentos constitucionaes, o meu amor pelo Brasil e a minha philantropia ; elle seguramente é digno do monarcha e do generoso povo brasileiro, ao qual sempre darei provas, como até agora tenho dado, de quanto o desejo vêr livre, feliz e independente. »

Apressaram-se as camaras das cidades e villas do Imperio em adherir aos sentimentos do povo fluminense ; re-

presentaram, pedindo que o projecto constitucional fosse adoptado como constituição ; e acudindo o governo ao reclamo popular, marcou em 11 de Março, anniversario natalicio da princeza D. Januaria, o dia 25 d'esse mez para o juramento da nova constituição.

No dia 23 determinou o ministro do Imperio ao senado da camara que, havendo o Imperador ordenado, por decreto de 11, o juramento da constituição, tivesse o senado um livro nos paços do concelho para assignarem o referido juramento os cidadãos que alli comparecessem, devendo o senado presidir a esse acto.

Convidaram-se os membros do desembargo do paço e aos altos funccionarios a apresentarem-se, ás 9 horas da manhã do dia 25, na capella imperial, para prestarem juramento á constituição; ordenou-se que nos dias 26 e 27 não haveria despacho de tribunaes, e deram-se outras providencias para tornar brilhante e solemne o dia do juramento do codigo fundamental do paiz.

As salvas das fortalezas e navios de guerra, as girandolas e os sinos dos campanarios saudaram a aurora do dia 25, que se devia tornar notavel nos fastos da historia do Brasil, como disséra o fundador da monarchia.

Commandada pelo tenente-general Joaquim Xavier Curado, depois conde de S. João das Duas Barras, formou a tropa em parada, e dividindo-se em tres brigadas, a primeira sob o commando do brigadeiro Labatut, a segunda do brigadeiro Lazaro e a terceira do brigadeiro Manoel da Costa Pinto, guarneceu a rua de S. Pedro da Cidade-Nova, a praça da Acclamação, a rua dos Ciganos, hoje da Constituição, e as ruas do Ouvidor e Direita, itinerario do cortejo imperial. A's 10 horas tres girandolas de foguetes, lançadas do alto do morro do Castello, annunciaram que o Imperador e a côrte haviam descido do palacio de S. Chris-

tovão, e ao meio-dia entraram as pessoas imperiaes, seguidas de numerosa comitiva e dos altos funccionarios, na capella imperial, ornada com sanefas de seda, cortinas de velludo franjadas de ouro, galões dourados, flôres, tapetes, lustres e arandelas.

Troou no mar a artilheria, rebentaram nas ruas e praças milhares de foguetes do ar, elevou o povo vivas enthusiasticos, echoaram nas naves da igreja os sons harmoniosos de numerosa orchestra, e o incenso dos thuribulos envolveu em ondas de perfume as imagens, os anjos, os arabescos, os sacerdotes, e o Imperador, a Imperatriz, os cortezãos, e todos de tão esplendida e distincta comitiva.

Começaram os hymnos sagrados, e logo que terminaram prestou o Imperador o juramento á lei fundamental do Estado; em seguida appareceu na varanda, construida ao lado direito do atrio, o alferes-mór do Imperio barão de Itanhaem, depois marquez do mesmo titulo, e em voz alta leu ao povo o juramento pronunciado pelo monarcha, concebido n'estes termos:

« Juro manter a religião catholica, apostolica, romana, a integridade e indivisibilidade do Imperio; observar e fazer observar, como constituição politica da nação brasileira, o presente projecto de constituição, que offereci e a mesma nação aceitou, e pediu que fosse desde logo jurado como constituição do Imperio; juro guardar e fazer guardar todas as leis do Imperio e provêr ao bem geral do Brasil quanto em mim couber. Rio de Janeiro, 25 de Março de 1824. — Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil. »

JURAMENTO DA IMPERATRIZ

« Juro aos Santos-Evangelhos obedecer e ser fiel á constituição politica da nação brasileira, a todas as suas leis, e ao Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil Pedro I. Rio de Janeiro, 25 de Março de 1824. — MARIA LEOPOLDINA, Imperatriz (2). »

Terminada a leitura romperam vivas acclamações, salvaram as fortalezas e navios, estalaram milhares de girandolas, e ao ruido dos fogos artificiaes uniu-se o som festivo e alegre dos sinos de todas as igrejas.

Alegrou-se o povo, e tornou-se geral o regozijo ao saber-se que o primeiro cidadão prestára no altar da patria o juramento sagrado ao codigo da nação.

Em seguida o bispo, o cabido, o senado da camara, a côrte e os presidentes dos tribunaes sanccionaram com o seu juramento a lei do Estado perante o Deus do céo e da terra.

Findo este acto houve o *Te-Deum*, e logo após retiraram-se as pessoas imperiaes para S. Christovão (3).

Ao occultar-se o sol repetiram-se as salvas em terra e no mar, e á noite appareceram os soberanos no theatro, onde o Imperador foi o primeiro que levantou vivas á nova constituição, repetindo-os cinco vezes; os espectadores saudaram-n'o vivamente, a orchestra rompeu o hymno constitucional, composto pelo monarcha, e ainda echoavam na rotunda do theatro os sons d'esse hymno patriotico, quando soltou D. Pedro um grito enthusiastico—viva a

(2) Veja no archivo publico o livro encadernado em velludo verde, no qual se acham lançados estes juramentos.

(3) Foi menos exacto o Sr. conselheiro Pereira da Silva na sua *Historia da fundação do Imperio* quando asseverou que prestára o Imperador juramento á constituição nos paços do senado da camara.

nossa perpetua independencia ! — que concitou o regozijo popular e produziu repetidas acclamações.

Representou-se o drama sacro *Vida de S. Hermenegildo*, e terminado o espectaculo, já depois de haverem-se retirado as pessoas imperiaes, ouviu-se no theatro o grito—incendio! O povo correu apavorado ; as chammas ganharam alento, invadiram rapidamente todo o edificio, e com seu clarão sinistro illuminaram a cidade inteira. Voltou o Imperador á praça da Constituição e viu a profunda impressão do povo, e do theatro as quatro paredes incandescentes e esboroadas pelo fogo.

Quizeram alguns vêr n'este acontecimento uma trama politica contra a vida de D. Pedro I ; outros um castigo por haver-se arrancado, para erguer-se o theatro, algumas pedras dos alicerces de um edificio destinado para igreja (4) ; mas proviéra o incidente por exigirem os comparsas que o actor Antonio da Rocha, que fizéra o papel de protogonista, pagasse patente por ser a primeira vez em que subira no baldaquino, imitando a ascensão do santo ; escusou-se o actor, e, como não quizeram abaixar-lhe o baldaquino, saltou no palco, e com esse movimento impelliu o baldaquino de encontro a um panno pintado á agua-raz, que, levado junto ás luzes, ardeu e produziu o incendio. Falleceu o actor algum tempo depois, victima da quéda que déra no tablado do theatro.

Prestára-se duas vezes juramento á constituição portugueza n'esse theatro, que agora incendiado e destruido parecia haver querido protestar contra a perda de suas prerogativas, não tendo sido celebrada no seu recinto a solemnidade do juramento da constituição brasileira !

(4) O actual edificio da escola central, construido a principio para Sé e Cathedral do Rio de Janeiro.

No dia seguinte, formada na praça da Acclamação em grande parada a força militar existente na cidade, sob o commando do tenente-general Joaquim Xavier Curado, e achando-se no palacete, alli erguido, a Imperatriz, montou o Imperador a cavallo e ordenou marchasse a força em columna cerrada á frente do palacete, onde prestou ella juramento á constituição, salvando após esse acto a artilheria com 101 tiros e mais tres descargas de mosqueteria, e em seguida, tendo o Imperador á sua frente, desfilaram os batalhões em continencia á Imperatriz.

Terminaram os festejos no dia seguinte com o cortejo e beija-mão no paço imperial, illuminando-se tres noites consecutivas toda a cidade.

Ordenou o decreto de 31 de Março aos ministros e ao chanceller-mór do Imperio que tomassem o juramento da constituição aos officiaes e empregados de sua repartição, lavrando-se dois termos do dito juramento para ficar um em cada repartição, e outro ser remettido á dos negocios do Imperio.

Sem sacrificios, sem ser agitado pela tempestade das paixões populares, sem vêr convulso o corpo social, teve o Brasil a grande lei de 1824, constituição liberal e philosophica, apropriada aos interesses e necessidades do paiz.

Diversos povos, para obterem muito menos, têm derramado em ondas o sangue de seus filhos; nós, mais felizes, no remanso da paz, ao som festivo de vozes e hymnos de alegria, recebêmos de nossos maiores o codigo da estabilidade social: desde então entrou o Brasil na grande familia das nações civilisadas.

Mas, apezar do Imperador haver sanccionado com o seu juramento a constituição em que estavam exarados principios liberaes, se não mostrou satisfeito o partido liberal; a dissolução da constituinte havia exaltado os animos con-

tra a realeza: ferira D. Pedro o principio da liberdade e da nacionalidade dando aquelle golpe de Estado. « *O acto violento da dissolução da constituinte*, diz o distincto litterato Dr. Homem de Mello, *repercutiu dolorosamente em todo o reinado do primeiro Imperador. Nunca mais se atou o laço rompido da confiança nacional*(5). »

De feito, dissolvida a assembléa constituinte, quebrou-se o mais forte vinculo que ligava a familia brasileira, e, apezar do juramento prestado de guardar o systema constitucional e as liberdades publicas, começou o povo a suspeitar do Imperador, que nunca mais pôde conciliar todos os brasileiros em redor de seu throno. Accresce que as circumstancias politicas não reclamavam remedio tão violento, como denominou D. Pedro o acto da dissolução da primeira assembléa do Brasil no manifesto publicado no dia 16; porque, se alguns deputados usavam de uma linguagem pouco commedida, de certa exageração nas phrases; se alguns manifestavam um arrogante e irreflectido enthusiasmo, se outros protelavam as discussões com extensos discursos, e cheios de apprehensões embaraçavam a marcha governamental, a maioria mostrou-se desejosa de reformar o paiz, tinha intenções generosas, grandeza civica, e se não fez os bens que premeditára foi por inexperiencia, e não por espirito de anarchia. Procedeu, porém, avisadamente D. Pedro apressando-se em jurar o projecto de constituição elaborado no conselho de Estado; manifestou d'esse modo as suas boas intenções, que esposára decididamente a causa do Brasil, e queria a lei e a liberdade, e não o arbitrio e o absolutismo.

(5) Veja *Escriptos historicos e litterarios* do Dr. Homem de Mello, pag. 49.

II

Não devem ficar occultos nas sombras da obscuridade os nomes dos legisladores da constituição; deve a historia repetil-os e a patria graval-os no livro da immortalidade como uma legenda perpetua e sagrada.

Formularam a grande lei de 1824 dez cidadãos, dos quaes, acordando-os em seus sepulchros, e afastando-lhes os sudarios, diremos os serviços que os recommendam á posteridade, e deram-lhes renome e gloria; mas não é uma galeria historica que ides percorrer, fraco é o pincel e desmaiadas as côres para empreza tão avantajada; são traços, perfis de bustos, que mãos mais habeis podem aproveitar e dar-lhes colorido e vida.

O primeiro dos signatarios da constituição foi João Severiano Maciel da Costa, primeiro visconde e primeiro marquez de Queluz, grande do Imperio, conselheiro de Estado, desembargador do paço, senador, e gram-cruz da ordem do Cruzeiro. Nascido em 1769 na cidade de Marianna, enviaram-nos seus pais á universidade de Coimbra, onde graduou-se em leis, e, ennobrecido e honrado na sciencia, abraçou a carreira judiciaria, em que manifestou virtudes civicas e subido merito litterario.

Conquistada a Cayenna pelas armas do principe regente D. João, foi Maciel da Costa nomeado governador d'essa possessão; oito annos exerceu esse cargo com habilidade e energia, merecendo a estima e confiança do soberano, e a affeição dos subditos, que renderam justiça á sua administração e á integridade de seu caracter (6).

Deve-se a este bom servidor da patria a introducção em varias capitanias do Brasil da noz moscada, do cravo, de

(6) V. Varnhagen, *Historia do Brazil*, vol. 2° pag. 331.

diversas especiarias finas, da arvore do pão, e da canna de assucar de Cayenna, a qual augmentou consideravelmente o producto das fabricas de assucar, duplicando as rendas do Estado (7).

Honrado com o titulo do conselho em 21 de Agosto de 1818, teve em 1823 a distincção de pertencer á assembléa constituinte, onde tomou assento em 4 de Agosto; n'esse mesmo anno subiu ao ministerio; por ser um dos redactores da constituição, recebeu, assim como todos os outros conselheiros redactores d'essa lei fundamental, a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro por decreto de 4 de Abril de 1824; em 12 de Outubro de 1825 mereceu o titulo de visconde de Queluz.

Eis o decreto que concedeu titulos honorificos aos dez conselheiros que redigiram a constituição:

« Attendendo aos singulares serviços prestados pelos meus conselheiros de Estado, e ao patriotico empenho que mostraram de querer salvar a nação das desgraças da anarchia, concorrendo com illuminado zelo para a defesa e segurança do throno e conservação do systema constitucional, e querendo eu dar-lhes um testemunho de particular consideração, hei por bem fazer-lhes mercê com as honras de grandeza dos seguintes titulos, etc. »

Em 1825 regeu o visconde de Queluz com sabedoria e tino a provincia da Bahia; no anno seguinte teve o titulo de marquez, e foi escolhido senador pela Parahyba; em 1827 occupou o cargo de ministro da fazenda e de ministro de estrangeiros.

Illuminou esse cidadão a litteratura patria escrevendo diversas memorias: a primeira intitulada *Apologia que dirige*

(7) V. Pereira da Silva, *Historia da fundação do Imperio Brasileiro*, vol. 2º pag 73.

á nação portugueza afim de se justificar das imputações que lhe fazem homens obscuros, impressa em Coimbra em 1821.

Publicára esta exposição para obter a revogação do decreto das côrtes, pelo qual prohibiu-se a permanencia em Lisboa a elle e a outros que acompanharam o rei D. João VI no seu regresso para Portugal, obrigando-os a escolher para residir sitios afastados da capital na distancia de dez e mais leguas. Trata a segunda memoria da abolição da escravatura no Brasil, e do modo e condições em que essa abolição se deve fazer, assim como dos meios de remediar a falta de braços que d'ella provirá. Intitula-se a terceira memoria — *Analyse e refutação do libello accusatorio que publicou o almirante barão do Rio da Prata, Rodrigo Pinto Guedes, contra alguns ministros de Estado.* A quarta e ultima tem por titulo — *Nú e Crú* — e é relativa a esse mesmo assumpto.

Falleceu o marquez de Queluz em 1834, havendo merecido a estima e confiança de dois soberanos; e ao recordar-se da affeição que o rei D. João VI consagrava-lhe diz elle em uma de suas memorias :

« A estima com que Sua Magestade me honra é uma divida ; os elogios e honrarias que publicamente me fazia eram aquelle genero de recompensa com que os reis sabem affagar os bons servidores. »

O segundo redactor da constituição foi Luiz José de Carvalho e Mello, primeiro visconde da Cachoeira, senador, grande do Imperio, conselheiro de Estado, dignitario da ordem do Cruzeiro, commendador das ordens de Christo e Conceição.

Serviu-lhe de berço a cidade de S. Salvador da Bahia, onde nasceu em 6 de Maio de 1764, sendo seus pais o negociante Eusebio João de Carvalho e D. Antonia Maria de Mello.

Terminado o estudo das humanidades, dirigiu-se o joven Luiz José de Carvalho á Athenas portugueza, e nas aulas da universidade alcançou dos mestres e discipulos o conceito de optimo estudante. Graduado em leis, obteve, em 12 de Novembro de 1789, a nomeação de juiz de fóra da Ponte de Lima em Portugal; d'alli foi despachado desembargador da relação do Rio de Janeiro, e durante o exercicio d'esse cargo occupou as varas de ouvidor geral do crime e civel, juiz da corôa, juiz das despezas da relação e outras, assim como a de intendente geral da policia no vice-reinado do conde de Rezende e do seu successor, época em que escreveu uma memoria contra os enterramentos nas igrejas.

Encarregou-o o conde de Rezende de diversas commissões, como a do exame de navios estrangeiros, de averiguações complicadas sobre prezas e corsarios; bem como do cargo de superintendente da decima dos bens das ordens religiosas, de deputado secretario da junta da revisão da divida passiva da fazenda; e em tão penosos trabalhos patenteou zelo, intelligencia e dedicação merecendo repetidos gabos d'aquelle vice-rei.

Em 1800 desposou Luiz José de Carvalho a D. Anna Vital Carneiro da Costa filha do coronel e fidalgo da casa real Braz Carneiro Leão.

Creado o tribunal da casa da supplicação foi escolhido primeiro corregedor do crime da côrte e casa; propôz a creação do lugar de juiz relator do supremo conselho de justiça militar; serviu de relator da junta do commercio, da qual foi diversas vezes vice-presidente interino; foi censor régio e deputado da mesa da consciencia e ordens.

Ouviu o governo o seu parecer sobre o codigo penal militar, e se não decidia nos negocios graves da administração publica sem consultar o voto de tão distincto jurisconsulto.

Chamado em 1808 á alta administração do Estado D. Fernando José de Portugal, depois conde e mais tarde marquez de Aguiar, para exercer o cargo de ministro, occupou muito tempo tres pastas, e durante a sua longa governação politica era o desembargador Luiz José de Carvalho quem examinava e dava parecer sobre todos os negocios da metropole e do Brasil, e a opinião de tão abalisado jurisconsulto era sempre seguida, porque pelos seus talentos, illibado caracter e dedicação pelo serviço publico grangeára a consideração e estima dos ministros e do soberano.

Em 1816 obteve de propriedade o officio de juiz da alfandega ; em 1818 recitou no acto da acclamação de D. João VI, a falla em nome do clero, nobreza e povo ; em 1821 foi preso com João Severiano Maciel da Costa e o almirante Rodrigo Pinto Guedes « *para subtrahil-os*, diz o decreto de 3 de Março d'esse anno que ordenára a prisão, *a qualquer sinistro e inopinado projecto de seus inimigos, que andavam suscitando por via de obscuras insinuações odios populares contra varias pessoas.* » O decreto de 16 de Março do referido anno restituiu a liberdade a esses cidadãos (8).

Eleito deputado á assembléa constituinte, ostentou Luiz José de Carvalho na tribuna parlamentar erudicção vastissima ; mas, receando-se da attitude d'este corpo legislativo, foi um dos conselheiros que lembraram a sua dissolução, sendo o autor do conhecido manifesto dirigido ao povo pelo Imperador após aquelle golpe de estado (9). Nomeado ministro de estrangeiros em 1823, mandou vir allemães para a colonia de Cantagallo ; sustentou com energia e habilidade uma questão suscitada com a côrte de Roma, e assignou os tratados da independencia do Brasil.

(8) V. *Gazeta do Rio* de 21 de Março de 1821.

(9) V. documentos em posse da familia.

Obteve em 1824 a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro, em 1825 o titulo de visconde da Cachoeira, que passou a seu primeiro filho, Luiz José de Carvalho e Mello Carneiro da Costa, por morte d'este ao segundo Pedro Justiniano de Carvalho Carneiro e Mello, *em memoria*, diz o decreto, *dos mui abalisados e distinctos serviços prestados pelo primeiro visconde da Cachoeira.* Exerceu em 1826 o cargo de ministro da justiça e do imperio, foi escolhido senador em 19 de Abril do mesmo anno, e redigiu os primeiros estatutos organisados para as duas faculdades juridicas do Imperio, *um dos trabalhos*, diz o estimado historiador Dr. Homem de Mello, *mais severos e mais substanciaes que tenho visto.* (10)

Além de desempenhar com o maior zelo e dignidade todos os empregos e commissões, honrou o visconde da Cachoeira as letras escrevendo duas memorias, uma contra os enterramentos nas igrejas, e outra sobre providencias contra o excesso de preço nos fretes dos generos de exportação.

Abriu á sua custa uma estrada de dezeseis leguas no termo da villa de Valença, comarca dos Ilhéos na provincia da Bahia, desde a marinha daquelle sitio, atravessando o rio Una, até a povoação denominada Lage Larga; construiu na referida estrada diversas pontes para facilitar o transito por aquelles lugares, até alli não trilhados, e augmentar o commercio, a agricultura e as rendas publicas (11).

Ainda estava o Brasil sob o regimen colonial e já Luiz José de Carvalho e Mello gozava de muito apreço e distincta

(10) V. *Escriptos historicos e litterarios* do Dr. Homem de Mello pag. 156.

(11) V. Documentos, decretação de serviços, que se acham registrados na secretaria do imperio no livro 1° que serve de registro de decretamento de serviços.

consideração ; era vice-rei D. Fernando de Portugal quando foi representar o principe regente D. João no baptismo do primeiro filho d'aquelle distincto jurisconsulto, que teve por padrinho do segundo filho o Imperador Pedro I representado pelo conde de Belmonte. Em 6 de Junho de 1826 desceu ao tumulo esse dedicado servidor da patria e teve jazigo na igreja da ordem terceira do Carmo.

O terceiro signatario da constituição foi Clemente Ferreira França, primeiro visconde e marquez de Nazareth, grande do imperio, conselheiro de Estado, desembargador do paço, dignitario da ordem do Cruzeiro, senador e ministro e secretario de Estado dos negocios da justiça.

Nascido na cidade da Bahia em 16 de Março de 1775, cultivou alli os primeiros estudos, e logo que completou-os dirigiu-se Clemente Ferreira França á universidade portugueza, onde paténteou tão notavel talento que mais de uma vez foi premiado ; condecorado na sciencia, despachou-o a carta regia de 5 de Novembro de 1799 juiz de fóra de Aveiro, onde durante seis annos administrou a justiça muito a contento dos povos.

Eleito ouvidor de Pernambuco, por carta régia de 25 de Abril de 1806, prestou avantajados serviços por occasião da arribada das náos *Medusa* a Pernambuco e *D. João de Castro* á Parahyba, desgarradas da esquadra que conduziu á America a familia real de Bragança. Os seus merecimentos elevaram-n'o a um dos lugares de desembargador da casa da supplicação, por carta régia de 3 de Novembro de 1808, a ajudante do procurador da corôa e fazenda, e a desembargador de aggravos da casa da supplicação por decreto de 21 de Janeiro de 1815. Honrou-o a carta régia de 14 de Abril de 1821 com a nomeação de desembargador do paço honorario, e deputado da mesa da consciencia e ordens.

PrestouClemente Ferreira França valiosos serviços á causa da independencia pelo que procurou o primeiro Imperador do Brasil distinguil-o e honral-o, nomeando-o procurador da corôa, soberania e fazenda nacional por carta imperial de 31 de Outubro de 1822, e ministro da justiça por decreto de 10 de Novembro de 1823.

Foi um dos conselheiros de Estado que formulou a constituição que nos rege, merecendo por esse alto serviço a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro em 4 de Abril de 1824, o titulo de visconde de Nazareth com honras de grandeza em 12 de Outubro de 1825, e o de marquez do mesmo titulo em 12 de Outubro de 1826 ; obtivéra em 1805 o habito de Christo e tença de 12$400, em 7 de Abril de 1821 a graça de fidalgo cavalleiro da casa real.

Foi um dos cincoenta senadores nomeados pelo primeiro Imperador em 1826; e, escolhido segunda vez para ministro da justiça em 15 de Janeiro de 1827, surprehendeu-o a morte á 1 hora da manhã de 11 de Março d'esse anno no exercicio de tão honrosa e elevada commissão publica. (12)

O redactor da constituição Marianno José Pereira da Fonseca, filho do negociante Domingos Pereira da Fonseca e D. Theresa Maria de Jesus, nasceu no Rio de Janeiro em 18 de Maio de 1773.

Enviado aos 11 annos a Portugal, matriculou-se no real collegio de Mafra, e feitos os estudos das humanidades entrou na universidade de Coimbra, que conferiu-lhe em 1793 o gráo de bacharel em philosophia e mathematicas.

Regressou um anno depois á patria, e admittido por seus talentos e merecimentos litterarios na academia scientifica, que curta vida teve no vice-reinado do conde de Rezende,

(12) V. *Diario Fluminense* de 14 de Março de 1827.

fundou com Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e outros uma sociedade secreta de caracter politico, cujos estatutos declaravam que a sociedade occupar-se-hia da *philosophia em toda a sua extensão, comprehendendo tudo quanto podesse ser interessante.*

Cedo chegou aos ouvidos do vice-rei a noticia d'essa associação, e exasperado, ardendo em ira e vingança, ordenou elle a prisão de diversos cidadãos, entre outros de Marianno da Fonseca, que, sendo preso em 4 de Dezembro de 1794, ficou incommunicavel por espaço de dois annos, sete mezes e quinze dias.

Restituido á liberdade por ordem régia, abraçou a vida commercial, em que seu pai deixára reputação legitima de homem probo. Mas n'essa época, pauperrima de homens habilitados para os cargos publicos, não podia Marianno da Fonseca ficar esquecido no balcão do negociante. Chamaram-no os negocios publicos, e o neophito na politica manifestou em todos os lugares administrativos que occupou muito zelo, grande actividade e alta intelligencia; foi eleito director thesoureiro da real imprensa, sem ordenado, administrador thesoureiro da fabrica da polvora, deputado thesoureiro do tribunal do arsenal do exercito, censor régio, lugar que occupou por mais de dois annos, deputado secretario da junta provisoria creada no Rio de Janeiro, e deputado da junta do commercio desde a sua instituição. Escolhido para occupar o cargo de ministro da fazenda em 13 de Novembro de 1823, fez parte do conselho de Estado que formulou a constituição que nos rege, pelo que obteve a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro em 4 de Abril de 1824, o titulo de visconde de Maricá em 12 de Outubro de 1825 e o de marquez em 12 de Outubro de 1826; n'esse mesmo anno foi escolhido senador pelo Rio de Janeiro.

N'essa longa carreira politica e administrativa foi um exemplo vivo de dedicação ao monarcha e ao povo; nunca afastaram-no do dever os interesses de partido, nem as preferencias do seu coração; mostrou-se zeloso e digno em todos os cargos que exerceu, e chegou a todas as honras e dignidades por sua probidade e intelligencia. Seus conselhos foram ouvidos em tres reinados. Se nos annaes politicos deixou uma reputação distincta, nos archivos litterarios perpetuou um nome que é uma gloria da literatura nacional; publicou o marquez de Maricá em treze annos seis volumes de maximas, pensamentos e reflexões, nos quaes a philosophia, a verdade, a religião e a moral vêem sanccionados seus principios e admittidas suas leis; pura é a moral, profunda a philosophia e sã a lição que nos apresenta o pensador brasileiro nos seus livros, monumentos da litteratura patria e monumentos de seu nome. A belleza do estylo, a grandeza dos pensamentos e a moral religiosa que se encontra em cada uma d'essas reflexões, d'essas maximas escriptas pelo sabio philosopho, o elevam entre os primeiros publicistas da sua época.

Pereceu o marquez de Maricá em 16 de Setembro de 1848, e deixou-nos em seus livros uma herança valiosa, *porque a herança dos sabios*, como diz elle em uma das suas ultimas maximas, *tem sempre maior extensão e perpetuidade que a dos ricos; comprehende o genero humano, e alcança á mais remota posteridade.* Era socio honorario do Instituto Historico. (13)

O redactor da constituição João Gomes da Silveira Mendonça nasceu na provincia de Minas. Depois de haver completado os estudos abraçou a carreira das armas, e n'ella

(13) V. *Bibliotheca Brasileira*, biographia escripta pelo Dr. Homem de Mello; e *Revista do Instituto*, tomo 15, pag. 527, relatorio do secretario Araujo Porto-Alegre.

attingiu ao posto de brigadeiro; exerceu o cargo de director da fabrica da polvora do Rio de Janeiro, e deu principio ao jardim botanico da lagôa de Rodrigo de Freitas; foi deputado ás côrtes de Lisboa em 1821; pertenceu á assembléa constituinte; foi chamado para o elevado cargo de ministro da guerra em 19 de Novembro de 1823; por ser um dos redactores da constituição, teve a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro, o titulo de visconde do Fanado em 1825 e o de marquez de Sabará em 1826. N'esse mesmo anno occupou uma das cadeiras do senado, como representante da provincia de Minas, e falleceu em 1827.

Eis as insufficientes e escassas noticias que colhêmos d'este servidor do Estado, que, se não foi homem de intelligencia esclarecida, foi probo e mui dedicado ao serviço publico, tornou-se util á patria, e deixou um nome puro, que ha de ser lembrado por ser de um dos venerandos legisladores do codigo fundamental da nação.

Entre os redactores da constituição está Francisco Villela Barbosa.

Filho legitimo de Francisco Villela Barbosa e D. Anna Maria da Conceição, nasceu Villela Barbosa no Rio de Janeiro em 20 de Novembro de 1769.

Cêdo viu-se só no mundo; o crepe da orphandade cobriu-lhe o berço roubando-lhe os carinhos e afagos maternos e os cuidados e desvelos de um pai que o estremecia; mas o pobre orphão encontrou em uma tia e em sua madrinha amparo e protecção ; tão piedosas parentas educaram-no, facilitaram-lhe o ensino dos primeiros estudos e tambem o do latim, rhetorica e philosophia, e para completarem a educação litteraria d'esse seu filho adoptivo enviaram-no á universidade de Coimbra, onde Villela Barbosa só pôde matricular-se um anno depois da sua chegada por faltar-lhe

o conhecimento do grego,cujo exame era exigido como um dos preparatorios.

Joven, na época das illusões, e do fogo das paixões, dotado de imaginação viva e ardente, deixou-se Villela Barbosa arrastar pelo coração, e sem consultar a suas protectoras, nem ouvir aos seus amigos, casou em Coimbra, o que veiu difficultar-lhe a iniciação de sua carreira litteraria na universidade, pois suspendeu-lhe a madrinha a quantia que mensalmente lhe enviava.

E teria Villela Barbosa despido o gabinardo e deixado os bancos da universidade se o ex-reitor, o bispo conde D. Francisco de Lemos, o não fortificasse com sãos conselhos e lhe não estendesse mão protectora e generosa.

Concluido com applauso e merecidos premios o estudo das sciencias exactas e naturaes, graduou-se em mathematicas; um anno depois era nomeado 2º tenente da armada; e, tendo durante quatro annos atravessado os mares e percorrido diversos paizes, regressou a Portugal em 1801, época em que recebeu a nomeação de lente substituto da academia real de marinha. Transferido para o corpo de engenheiros com a patente de 1º tenente, subiu pouco depois ao posto de capitão; como substituto regeu algum tempo a cadeira de astronomia e navegação, e nomeado lente cathedratico de geometria conservou-se no magisterio até 1822, em que jubilou-se. Era lente quando escreveu o seu compendio de geometria dedicado á academia real das sciencias de Lisboa, que para premiar o autor d'essa obra, cujas edições se têm esgotado, conferiu-lhe o titulo de socio, e mais tarde o elegeu seu secretario interino.

Além d'este livro escreveu Villela Barbosa uma memoria sobre a correcção das derrotas de estima, premiada pela sociedade real maritima militar e geographica, que apressou-se em considerar seu socio o conceituado escriptor.

Se nas sciencias positivas e exactas apresentou trabalhos que abriram-lhe as portas das academias e sociedades litterarias, entregando-se ao cultivo das musas grangeou a reputação de poeta lyrico mavioso: as suas lyras, suas composições heroicas ao fundador do Imperio, e a cantata *a Primavera* deram-lhe lugar notavel entre os nossos poetas; e outras producções podéra ter deixado se, arrastado por sentimentos severos de moral e mal entendida gravidade, não sacrificasse ás chammas, nos ultimos dias de vida, diversas poesias amorosas e epigrammaticas inspiradas pelo seu éstro poetico, brilho e riqueza de imaginação.

Eleito deputado ás côrtes geraes e constituintes do reino, patenteou na tribuna parlamentar recursos oratorios; em 1823, logo depois da independencia do Imperio, retirou-se de Portugal apezar de achar-se elevado ao posto de major de engenheiros, e de haver contrahido em suas segundas nupcias estreita alliança com uma das mais importantes familias de Lisboa. Chegado á sua patria foi recebido com enthusiasmo pelos seus compatriotas e pelo Imperador, que immediatamente promoveu-o ao posto de coronel graduado do corpo de engenheiros; em 10 de Novembro de 1823 era chamado ao ministerio, e depois de occupar as pastas do Imperio e da guerra passou á da marinha, e n'essa repartição conservou-se até 1827.

Mereceu por ser um dos redactores da constituição a dignitaria do Cruzeiro, em 1825 o titulo de visconde de Paranaguá com grandeza; n'esse anno assignou o tratado da independencia do Brasil, teve a gram-cruz da ordem imperial do Cruzeiro, em 1826 foi condecorado com o titulo de marquez e teve uma cadeira no senado. Subiu mais duas vezes no primeiro reinado ao cargo de ministro da marinha, e exerceu interinamente o de ministro de estrangeiros. Apezar de quebrantado por annos e abatido por enfermi-

dades, chamou-o o segundo Imperador ao ministerio em 1841, encarregando-o da repartição da marinha, em que esteve até 1843. Deve-se ao marquez de Paranaguá a iniciação da obra do dique imperial. Pereceu esse estadista em 11 de Setembro de 1846. Era socio honorario do Instituto Historico.

Assignou a constituição o barão de Santo Amaro, José Egydio Alvares de Almeida, nascido na cidade de Santo Amaro na Bahia em 1 de Setembro de 1763.

Tendo recebido em collegios a instrucção elementar, passou-se ao mundo europêo, e enriquecido de novos principios matriculou-se na afamada universidade de Coimbra; distinguiu-se nos bancos da universidade entre seus condiscipulos, e terminado o curso das aulas obteve a graduação de doutor em leis.

A protecção de um seu tio, antigo ministro do principe regente D. João, guiou-o até o gabinete do principe, cujo foi secretario longos annos; acompanhou o regente ao Brasil, e durante o reinado d'esse soberano foi o seu voto consultado em todas as questões graves, e muitas vezes seus conselhos illuminaram questões politicas, e alisaram difficuldades penosas para a época e para os homens. Por occasião da coròação do rei D. João VI, teve o titulo de barão de Santo Amaro, e no mesmo anno obteve o despacho de conselheiro do erario regio e da fazenda. Dedicava-lhe o rei particular estima e decidido affecto, e entre os diversos mimos recebidos das mãos do monarcha guardava o leal servidor uma caixa de rapé cravejada de brilhantes. Foi deputado da constituinte em 1823; foi n'esse anno eleito conselheiro de Estado; por haver sido um dos redactores da constituição, deu-lhe o Imperador em 1824 a dignitaria da ordem imperial do Cruzeiro, em 1825 o titulo de visconde, e chamou-o para o ministerio; assignou como

ministro de estrangeiros o tratado da independencia do Brasil ; teve assento no paço do senado em 1826, e no mesmo anno o titulo de marquez ; encarregado de uma missão diplomatica na Inglaterra manifestou tino agudissimo e mestria nos negocios publicos.

O decreto de 18 de Outubro de 1829 diz :

« Tomando em consideração os importantes serviços que os marquezes de Queluz e Santo Amaro têm continuado a prestar com intelligencia e zêlo pela publica prosperidade, e querendo mostrar-lhes por um novo testemunho de distincção quanto prezo seus merecimentos, hei por bem, honrando e elevando seus filhos João Tavares Maciel da Costa e José Carlos de Almeida, fazer mercê ao primeiro do titulo de visconde de Queluz e ao segundo de visconde de Santo Amaro. »

Deve entornar no peito do cidadão intimo contentamento ver por seus serviços honrados e ennobrecidos seus descendentes, e teve o marquez de Santo Amaro esse contentamento.

Acommettido no recinto do senado de uma apoplexia, falleceu 9 dias depois, em 12 de Agosto de 1832, e teve jazigo na capella capitular do convento de Santo Antonio.

Além dos altos cargos politicos que occupou, era gentilhomem da casa imperial e commendador das ordens de Christo, Conceição e Torre Espada.

E' ainda na provincia da Bahia que vamos encontrar o berço de outro redactor da constituição, Antonio Luiz Pereira da Cunha, nascido em 6 de Abril de 1760.

Na terra em que viu o primeiro hausto de luz abriu-se sua intelligencia aos primeiros estudos ; aos 21 annos embarcou para Portugal, e na capital do reino completou o estudo das humanidades ; em 1782 foi sentar-se nos bancos da universidade de Coimbra, de onde sahiu em 1787

graduado em direito civil. Submettido a lêr na mesa do desembargo do paço, foi despachado juiz de fóra de Torres Vedras em 1789; em 1792 foi ouvidor de Pernambuco, no anno seguinte desembargador da relação da Bahia; em 1798 fez parte do triumvirato que governou a capitania de Pernambuco, por haver se ausentado para Lisboa o governador D. Thomaz José de Mello. Dirigindo-se a Portugal em 1800 teve o cargo de ouvidor da comarca do Rio das Velhas em Minas, e por competir-lhe um lugar na relação do Porto lavrou-lhe o rei a carta de desembargador d'essa relação em 1802, com exercicio na ouvidoria de Sabará, de cujo cargo empossou-se em 4 de Fevereiro de 1803. Nomeado desembargador ordinario da casa da supplicação de Lisboa, voltou ao reino, onde esteve até 1808, época em que, obtendo licença para vir ao Brasil beijar a mão do rei, chegou ao Rio de Janeiro, e logo alcançou o lugar de chanceller da relação da Bahia; exercendo-o, foi um dos membros do governo interino, constituido por haver fallecido o governador e capitão-general da capitania João de Saldanha da Gama de Mello e Torres, conde da Ponte.

Na governação da capitania grangeou Pereira da Cunha a estima do povo e a confiança do monarcha, que, em remuneração de seus serviços, deu-lhe a commenda de Christo, havendo-lhe já concedido o habito de cavalleiro da mesma ordem. Completos os 6 annos de exercicio na relação da Bahia, veiu occupar no Rio de Janeiro o cargo de conselheiro do conselho da fazenda; serviu em 1817 de membro adjunto da commissão nomeada para compilar as ordenanças da marinha; em 1818 foi eleito deputado da junta do commercio, agricultura, fabrica e navegação, fiscal das mercês, deputado da mesa da consciencia e ordens; em 1821 fez parte da commissão, da qual eram membros João Severiano Maciel da Costa, Manoel Jacintho

Nogueira da Gama, Mariano José Pereira da Fonseca, Luiz José de Carvalho e Mello, o barão de Santo Amaro e outros, encarregada de indicar as reformas que se deviam discutir, e applicar ao governo e á administração publica. Eleito intendente-geral da policia depois da sedição militar de Fevereiro de 1821, occupou esse cargo com muita dedicação; pagou dividas atrazadas, melhorou o expediente da repartição e supprimiu os espiões de policia, verdadeiros perseguidores n'aquelles tempos dos cidadãos honestos e socegados. Pertenceu á assembléa constituinte; deu-lhe o Imperador um lugar no conselho de Estado em 1823; como redactor da constituição mereceu a dignitaria da ordem do Cruzeiro e o titulo de visconde de Inhambupe em 1825; duas provincias elegeram-n'o deputado, e tres offereceram-lhe uma cadeira no senado, onde sentou-se em 1826; n'este mesmo anno teve o titulo de marquez, e foi ministro dos negocios estrangeiros, e depois da fazenda e do Imperio em 1831, época em que, por haver o Imperador abdicado, assumiu o cargo de regente do Brasil até á eleição da regencia permanente. Desde então o marquez de Inhambupe recolheu-se á vida privada, ao santuario da familia; só comparecia ao senado, cujos trabalhos dirigiu como presidente; e exercia esse elevado cargo quando desceu ao pó do sepulchro em 18 de Setembro de 1837.

Foi homem de virtudes civicas; prestou ao Estado assignalados serviços em dois reinados; gozou da confiança e estima dos seus concidadãos, e na administração publica foi o seu voto de muito valimento; na familia imitou os antigos patriarchas: casado duas vezes teve 30 filhos, criou e educou a todos com afago e carinho, repetindo-lhes por lição esta unica palavra—imitai-me.

O redactor da constituição Manoel Jacintho Nogueira da Gama, filho legitimo de Nicoláo Antonio Nogueira e

D. Anna Joaquina de Almeida Gama, nasceu na cidade de S. João de El-Rei em 8 de Setembro de 1765. Deixou a patria aos 19 annos para ir estudar em Lisboa os preparatorios da universidade de Coimbra; mas, ao pisar em terra estranha, viu-se cercado de difficuldades e privações por não receber, em consequencia de embaraços de communicações, o dinheiro enviado por seu pai; sem recursos, sentiu o pobre estudante a miseria bater-lhe á porta; porém copiando musicas e entregando-se a outros trabalhos pacientes e penosos adquiriu meios para alimentar-se.

Chegado a Coimbra matriculou-se nas faculdades de mathematicas e philosophia, mas novas privações o assaltaram; cahira-lhe sôbre os hombros o manto da pobreza por achar-se a fortuna de seu pai compromettida na fiança de um arrematante do dizimo; o misero estudante experimentou as tenazes da fome; resoluto, porém, activo e intelligente, não desanimou; começou a leccionar aos condiscipulos as materias da universidade, e d'esse modo manteve-se, e até chegou a remetter á sua familia diversas quantias que sobravam de suas economias. Terminando os cursos de mathematicas e philosophia seguiu dois annos o de medicina, e ainda não havia despido o gabinardo de estudante quando, sem esperar, recebeu o decreto de 16 de Novembro de 1791, nomeando-o lente substituto da academia real de marinha; dois annos mais tarde era promovido a 1º tenente da armada, em 1796 a capitão-tenente e em 1798 a capitão de fragata.

Dedicava-lhe D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares, particular estima, de que serviu-se Manoel Jacintho mais de uma vez para proteger os seus compatriotas, como a José de Rezende Costa, que, havendo sido desterrado para Cabo-Verde por achar-se compromettido na revolução do Tira-Dentes, foi por intervenção sua

perdoado, e mais tarde empregado no erario regio e condecorado.

Havendo fallecido seu irmão primogenito, que fôra com elle doutorar-se em Coimbra, e deixando em pobreza a viuva e seis filhos, amparou-os Manoel Jacintho; enviou os sobrinhos para o Brasil e concedeu uma pensão em Coimbra á sua cunhada. Largou o professorado em 1801 para receber o despacho de inspector-geral das nitreiras e fabricas de polvora de Minas-Geraes, e deputado da junta de mineração e moedagem; promovido a tenente-coronel de engenheiros em 1802, veiu n'esse anno para o Brasil, onde foi nomeado escrivão do real erario; installada a real academia militar, foi escolhido para deputado da junta directora e inspector das aulas, cargos que exerceu gratuitamente até 1821; obteve a patente de coronel de engenheiros, em 1818 a de brigadeiro graduado, no anno seguinte a de effectivo, e em 1822 reformou-se em marechal de campo.

Assistiu em 1821, como eleitor da freguezia de S. José, á sessão tumultuosa da praça do commercio, contra a qual reagiu violentamente a força armada; foi deputado da constituinte, e achando-se no ministerio resignou com seus collegas o cargo de ministro dois dias antes do golpe de Estado que dissolveu aquelle corpo legislativo.

Nomeado conselheiro de Estado, teve a mercê da dignitaria da ordem do Cruzeiro por ser um dos redactores da constituição, assim como o titulo de visconde de Baependy em 1825, tendo já o habito da ordem de S. Bento de Aviz, a commenda da mesma ordem, o titulo de conselheiro desde 1814 e o de fidalgo cavalleiro desde 1815.

Chamado ao ministerio da fazenda em 1826, foi no mesmo anno apresentado senador por duas provincias e escolhido pela de Minas, e elevado ao titulo de marquez: occupou no senado as cadeiras de vice-presidente e presi-

dente, e por occasião da coroação de D. Pedro II recebeu a gram-cruz da ordem da Rosa. Pereceu em 15 de Fevereiro de 1847, e foi dormir o somno eterno nos jazigos da igreja de S. Francisco de Paula.

Descerremos o sepulchro em que descansa o ultimo dos dez conselheiros redactores da constituição, José Joaquim Carneiro de Campos, natural da cidade de S. Salvador da Bahia, onde nasceu em 4 de Março de 1768. Destinando-o seus pais, José Carneiro de Campos e D. Custodia Maria do Sacramento, á vida religiosa, admittiram-no na congregação de S. Bento d'aquella cidade; mas, por amor á sciencia e por desejar tornar-se lido n'ella, volveu o joven Carneiro de Campos seus passos para a universidade de Coimbra, matriculou-se no curso de sciencias physicas e mathematicas, e graduou-se em theologia. Não desejava seguir a vida monastica por julgar apertado o recinto de uma cella para expandir sua intelligencia e trabalhar pela patria; por isso secularisou-se, e, entrando no estudo do direito civil, recebeu em Coimbra o gráo scientifico. Estava firmada a sua reputação de homem douto; consideravam-no lentes e condiscipulos pelo zelo e dedicação ás letras quando despediu-se dos bancos da universidade; a fama de erudito, adquirida no curso das aulas, acompanhou-o a Lisboa, e serviu-lhe de recommendação para penetrar até o palacio dos nobres e abrir-lhe a carreira dos empregos publicos; o ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho procurou-o para mestre de seus filhos, e em gratidão e por apreciar seu cabedal scientifico deu-lhe, pouco depois, um emprego na secretaria da fazenda, lugar que Carneiro de Campos exerceu com muito zelo e intelligencia. Regressando ao Brasil occupou o cargo de official da secretaria do reino, e chegou a official-maior, em cujo emprego, por seus talentos, pratica de negocios, e caracter recto e

energico, facilitou a administração publica, melhorou a marcha governamental, objurgou os abusos, e foi dos ministros o mais valioso auxiliar e o mais illustrado guia ; o proprio soberano o não ignorava, e diversas vezes lembrou aos que hesitavam em receber as rédeas da governação quanto lhes seria facil o encargo se confiassem e ouvissem ao official-maior Carneiro de Campos.

Em 17 de Dezembro de 1814 deu-lhe o rei a commenda de Christo, e por occasião do casamento do principe real D. Pedro com a archiduqueza D. Leopoldina enviou-lhe o Imperador da Austria a commenda da ordem da Corôa de Ferro ; por seus meritos litterarios mereceu em 1816 a nomeação de secretario da nova fundação dos estudos de Coimbra, de cuja universidade era o procurador n'esta côrte ; em 1818 teve o titulo de conselheiro ; em 1820 o habito de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa e a carta de conselheiro honorario, e depois effectivo de capa e espada do conselho da fazenda.

Lembrado pelo principe D. Pedro, depois Imperador do Brasil, para membro da commissão incumbida de examinar as contas do thesouro nacional, envidou todo o zelo, intelligencia e actividade n'essa difficil tarefa, e por esse serviço e outros assaz valiosos foi seu nome recebido com popularidade nas eleições para deputados da assembléa constituinte.

Em Julho de 1823 era ministro do Imperio e de estrangeiros, e n'esse cargo prestou ao Brasil assignalados serviços ; declarou ao conde do Rio-Maior, enviado do governo portuguez, que o não ouviria em conferencia sem o prévio reconhecimento da independencia do Brasil por Portugal ; creado o conselho de Estado foi nomeado conselheiro « *por ser*, diz o decreto, *homem probo, amante da dignidade imperial e da liberdade dos povos.* »

Nas eleições que se procederam para a convocação de uma nova assembléa constituinte, que não chegou a reunir-se, foi Carneiro de Campos escolhido eleitor na freguezia do Sacramento, em que residia, e nas novas eleições para a primeira assembléa legislativa foi seu nome lembrado por mais de uma provincia; em 1824 teve a dignitaria da ordem do Cruzeiro, em 1825 o titulo de visconde de Caravellas, em 1826 o de marquez; no mesmo anno entrou na camara vitalicia dos senadores, subiu ao ministerio e occupou os cargos de ministro do Imperio e da justiça: foi de novo lembrado em 1829, em criticas circumstancias do paiz, para exercer as funcções de ministro do Imperio, por ser seu nome uma garantia de ordem e estabilidade; e, como diz o conego Januario, « *n'elle repousavam principalmente as esperanças dos verdadeiros amigos do Brasil: Carneiro de Campos era como um iris de paz entre o throno e o povo* (14). »

N'essa época referendou o decreto que approvou e mandou executar os estatutos da sociedade de medicina, depois academia imperial de medicina, que, em reconhecimento, nomeou-o seu socio honorario, havendo sido já seu nome admittido em outras sociedades scientificas.

Em homenagem a seus merecimentos e serviços, nomeou-o a assembléa-geral um dos regentes do Brasil depois da revolução de 7 de Abril de 1831; mas as molestias e os annos haviam-lhe esgotado as forças, e impossibilitado de exercer tão penoso encargo foi excluido na eleição da regencia permanente.

Como politico foi o marquez de Caravellas homem probo, conciliador e virtuoso; como estadista foi justo e sabio, promoveu os interesses da sua patria, sustentou com fir-

(14) Veja *Revista do Instituto Historico*, vol. 3º, pag. 478.

meza e tino os principios constitucionaes ; como jurisconsulto foi um dos mais rectos em suas sentenças, imparcial em suas opiniões e profundo em suas theorias : muito deveu-lhe a patria, e depois de tanto servil-a morreu pobre em 8 de Setembro de 1836, descendo seu cadaver aos jazigos da igreja de S. Francisco de Paula.

Fallando d'este habil politico e homem de Estado, diz o erudito historiador o Dr. Homem de Mello :

« José Joaquim Carneiro de Campos era um jurisconsulto distincto e publicista consummado, largamente versado nos differentes ramos da administração em que desde muito se iniciára. Espirito pratico, caracter moderado, sua palavra era ouvida com respeito, sellada sempre com o cunho da reflexão e madureza (15). »

Estão esculpturados os vultos dos dez conselheiros que redigiram a constituição do Imperio, codigo liberal em que estão sanccionados todos os direitos sociaes, que tem sido o penhor de todas as prosperidades, a garantia contra o arbitrio, o principio da estabilidade, da ordem, da felicidade publica, o laço de união entre os brasileiros, o escudo do cidadão contra os abusos, exclusões e proscripções ; lei fundamental, consorcio da liberdade e do poder, consolidou a constituição as instituições politicas, garantiu a verdadeira liberdade, os direitos e fóros sociaes, debellou a anarchia, tornou inalienaveis e imprescriptiveis os direitos de todos os cidadãos, estabeleceu o equilibrio entre os deveres e direitos dos cidadãos, entre os direitos e deveres do imperante e do povo ; por isso tem resistido quasi meio seculo ás commoções, aos abalos e tempestades politicas do paiz.

E' de admirar que homens costumados ás leis pesadas e

(15) Veja *Escriptos historicos e litterarios* do Dr. Homem de Mello, pag. 9.

arbitrarias do governo absoluto, educados em uma sociedade em que o poder era a força e a lei um simulacro, em que se não pedia uma garantia sem despertar uma suspeita, formulassem lei tão liberal, em que uniram cousas julgadas até então incompativeis, o poder e a liberdade. A constituição organisada por tão conspicuos varões satisfez a quasi todas as exigencias, e uniu ao altar da patria quasi todos os brasileiros. Armitage diz:

« No todo a constituição é uma lei fundamental, que preenche bem os fins a que se destina, e muito mais liberal em suas disposições do que se deveria esperar do caracter dos individuos que a compilaram. »

Mas qual dos dez conselheiros teve parte mais activa na confecção d'essa grande lei? O illustrado historiador Varnhagen diz:

« .....havendo quem assevere haver sido exclusivamente escripta e meditada por José Joaquim Carneiro de Campos, ao depois marquez de Caravellas. E na verdade é bastante harmonicamente concebida para poder têl-o sido por muitos. »

Disse-nos esse distincto litterato que vira essa sua opinião historica corroborada pelo testemunho de Odorico Mendes.

Escreve o conego Januario, biographo de José Joaquim Carneiro de Campos:

« Na distribuição dos trabalhos d'essa redacção teve elle grande parte, e na discussão final d'esse monumento da nossa liberdade a elle foi attribuida a melhor e mais liberal doutrina de seus artigos, opinião esta que o seu posterior comportamento nas camaras decididamente confirmou. »

O conhecido escriptor o conselheiro Pereira da Silva accrescenta:

« Não se demorou o conselho de Estado na feitura da constituição que lhe fôra incumbida. Deu por findos os seus trabalhos a 11 de Dezembro, correndo voz de que o mais efficaz collaborador havia sido Carneiro de Campos, posto alguns dos demais companheiros o tivessem proficuamente auxiliado para a grande obra do pacto social, destinado a reger o Imperio. »

Mas a grande lei de 1824 não immortalisou só a esses dez conselheiros; entre elles ergue-se um vulto nobre e magestoso, cuja fronte cingiam-lhe a corôa de rei e os louros de libertador. E' o primeiro monarcha do Brasil, que em 1824 escreveu seu nome entre os d'aquelles dez cidadãos que a posteridade não deixará morrer. Animando com a sua presença e com a sua palavra aos legisladores de 1824, apresentando as bases para a confecção do codigo politico do paiz, lembrando certas idéas liberaes, que vêm exaradas no livro da constituição (16), sanccionando com o seu voto os principios gravados pelos legisladores no codigo politico da patria, jurando em presença do povo a lei fundamental do Estado, fez D. Pedro I o que podia fazer pelo Brasil. Se abraçando a causa da independencia apressou o nascer do astro da liberdade no céo da terra do Cruzeiro; se erguendo-se entre os libertadores da patria afastou os perigos, as lutas, as tempestades politicas, que podiam abalar o paiz no momento de começar a ter existencia como nação separada e independente, no momento em que, formando um só corpo social, principiava a sentir por si, a constituir-se, a ter sentimentos e recordações suas, formulando e sanccionando a constituição, consolidou sabia e convenientemente a sua obra da regeneração politica do

(16) Disse-nos o Sr. visconde de Sapucahy que foi D. Pedro quem lembrou os conselhos provinciaes quando se formulou a constituição.

paiz, adquiriu titulos sagrados á estima e admiração dos brasileiros, porque plantou a grande arvore, a cuja sombra devemos todos abrigar-nos; deu-nos em 1824 o que só oito annos depois outorgou a Portugal; sanccionou o destino do Brasil, segurou o seu futuro e preparou a sua prosperidade.

1868.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS DISTINCTOS POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

Nas pittorescas margens do ribeirão do Carmo, onde hoje se ostenta a episcopal cidade de Marianna, nasceu este distincto poeta aos 6 de Junho de 1729, sendo seus progenitores oriundos da heroica provincia de S. Paulo, a cujos filhos deve-se o descobrimento e exploração do interior do Brasil.

Nos arreboes da vida manifestou Claudio pasmosa intelligencia ,que desejando seus pais que aproveitada fosse, mandaram-no para esta cidade, onde matriculou-se nas aulas que com grande esplendor mantinham os jesuitas. Rapidos foram seus progressos, de modo que ao entrar na adolescencia possuia já cabal conhecimento das linguas latina e grega, comesinhos lhe sendo os prolegomenos da philosophia, rhetorica, mathematicas e theologia. Completado o seu curso de preparatorios, ou de humanidades, como então se denominavam, recebeu Claudio Manoel a patente de mestre em artes, que a companhia de Jesus conferia aos seus melhores alumnos.

Irresistivel vocação chamava-o para o campo das letras, e, anhelando por adquirir um brasão que dos seus labores fosse testemunho, partiu para Coimbra quando apenas contava 17 annos de idade. N'esta celebre universidade sustentou a reputação que na puericia conquistára ; compulsou com *diurna atque nocturna manu* os monumentos da

sciencia juridica, suavisando sua aridez com o ameno trato das musas.

Datam d'esta época algumas composições suas vantajosamente apreciadas pelos doutos, distinguindo-se entre ellas o *Munusculo Metrico*, romance heroico dedicado a D. Francisco d'Annunciação, pela segunda vez reitor; o *Epicedio* consagrado á memoria de Fr. Gaspar da Encarnação; os *Numeros harmonicos* temperados em heroica e lyrica consonancia, e o *Labyrintho de amor*, poema que sahiu dos prelos de Antonio Simões no anno de 1753.

Obtido o almejado pergaminho, regressou Claudio Manoel para a sua cara patria, onde, abraçando a profissão de advogado, não tardou em grangear extraordinaria nomeada pelo seu saber e probidade.

Fiel ao seu systema de temperar o estudo das abstrusas questões de direito com os folguedos da imaginação, colligíu diversas poesias que em seus laseres compuzéra, remettendo-as para Coimbra, onde Luiz Secco Ferreira deu-as á estampa no anno de 1768 em um volume de 8º e debaixo do nome pastoril de *Glauceste Saturnio*, que tomára na Arcadia Ultramarina, fundada n'esta capital por Silva Alvarenga e Basilio da Gama no vice-reinado de Luiz de Vasconcellos.

N'este livro, dedicado pelo bardo mineiro ao illustre conde de Valladares, que o honrára com a sua estima chamando-o para seu lado na qualidade de secretario do governo, abundam as imitações dos poetas italianos, principalmente Petrarca, Guarini e Metastasio, chegando a escrever n'esta lingua muitas das suas lindissimas cançonetas, e commettendo d'est'arte um crime de leso-patriotismo, que tanto Ferreira condemnava em Sá de Miranda.

Destaca-se d'esse gracioso grupo a bella allegoria intitulada *Fabula do Ribeirão do Carmo*, inspirada pelo mais

santo patriotismo, resplendente de côr local, e que, quanto a nós, marca o segundo periodo embryonario da nossa litteratura.

Despertou-lhe os brios o exemplo de seu benemerito comprovinciano José Basilio da Gama, e como elle quiz entrar na arena da poesia epica escrevendo um poema, para cujo assumpto tomou a edificação de Villa-Rica. Por largos annos jazeu elle inedito, até que alguns cantos fossem publicados em um jornal litterario d'esta cidade, sendo em 1839 editado em sua integra pelo Sr. José Pedro Dias de Carvalho.

Reservamos para outro lugar a analyse d'este poema, que mal cabida aqui seria; apenas diremos que impropriamente se lhe poderá denominar de epico, não só pela pequenhez do assumpto como pela estreiteza do plano. Era, porém, mais um passo dado na vereda da nacionalisação da litteratura, e como tal consideramol-o e estimamol-o.

Parece que não só á poesia consagrava Claudio Manoel suas horas de repouso; porquanto affirma o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva que traduzira elle e commentára o *Tratado da origem da riqueza das nações* do celebre economista escossez Adão Smith, e escrevêra diversas outras obras de litteratura antiga e moderna, que por fatalidade ficaram ineditas (1).

Por espaço de 8 annos desempenhou o difficil cargo de secretario do governo, merecendo sempre o mais subido conceito da parte dos capitães-generaes que n'esse lapso de tempo empunharam o bastão do mando em

(1) Consta que tambem escrevêra uma *Historia da capitania de Minas*, de cujo manuscripto teve conhecimento Southey, que repetidas vezes cita.—Vide tambem *o Patriota*. Creio que esta historia não passa d'uma introducção historica que precede ao poema *Villa-Rica*.

Minas-Geraes. Havendo, porém, em 1788 succedido o visconde de Barbacena a Luiz da Cunha Menezes, volveu á banca de advogado com grande contentamento dos seus antigos clientes.

No remanso da paz e fruindo dos bens que na terra constituem a felicidade, era por certo Claudio Manoel da Costa um ente bem invejavel, realização d'esse ideal figurado por Horacio quando ao sabio desejava a *aurea mediocritas*. Não é, porém, permittido ao homem viver uma vida totalmente subjectiva; collocado no espaço e recebendo a acção do tempo, forçosamente sobre o seu animo influem circumstancias externas. Não deve cidadão algum ser indifferente aos males da patria, e aonde sob os governos despoticos, como o que a nossos avós opprimia, perturbam o gemido das victimas as orgias dos algozes, ao gabinete se entrega. De tão fortes estimulos não necessitava o nosso illustrado patricio, e, conhecedor da situação da capitania pelo emprego que exercêra, nutriu serias apprehensões quando viu chegar o visconde governador munido de instrucções do ministro Martinho de Mello e Castro para tornar effectiva a cobrança do imposto de capitação conhecido pelo nome de derrama (2).

Certa convivencia litteraria ligava os homens mais notaveis da capitania, os quaes, alargando ainda o circulo de suas relações, n'elle abrangiam alguns dos distinctos caracteres que no Rio de Janeiro cultivavam as musas. Era Claudio Manoel amicissimo de Thomaz Antonio Gonzaga, ouvidor da comarca de Villa Rica, e que acabava de ser despachado desembargador da relação da Bahia, estando

(2) Vide a instrucção para o visconde de Barbacena, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, governador e capitão-general da capitania de Minas-Geraes, inserta na *Revista Trimensal do Instituto Historico*, tomo VI, pag. 3.

em vesperas de receber-se em matrimonio com D. Maria Dorothéa de Seixas, peregrina beldade, que então contava 17 para 18 annos.

Consta das peças do processo, cuja communicação devemos ao nosso prestante amigo o Sr. J. Norberto de Sousa e Silva, que ia todas as manhãs Claudio tomar café em casa de Gonzaga, onde tambem se reuniam o tenente-coronel commandante do regimento de linha Francisco de Paula Freire de Andrade e José Alves Maciel, seu cunhado, que acabava de chegar de uma viagem á Europa e aos Estados-Unidos, e a quem se attribue a iniciativa da idéa republicana.

Patriotas ardentes, praticavam repetidas vezes sôbre os mais adequados meios de livrarem seu paiz do jugo que o acabrunhava, e, julgando lobrigar no turvo horizonte politico a possibilidade de melhores dias, acreditaram que o povo, por via de regra indifferente ás mutações do governo, porém exasperado pelas extorsões dos exactores da fazenda real, não hesitaria em dar sua adhesão aos planos de liberdade, que, sem consultal-o, concertavam entre si seus naturaes representantes. Amadurecida a idéa, communicaram-na a mais alguns cidadãos distinctos pelas suas luzes e posições officiaes, entrando n'este numero o tenente-coronel de milicias da Campanha do Rio-Verde Ignacio José de Alvarenga Peixoto, o doutor em medicina Domingos Vidal Barbosa e o vigario Carlos Corrêa de Toledo.

Como sóe acontecer em identicas circumstancias, de confidencia em confidencia foi dilatando-se a esphera dos iniciados no segredo, e não tardou que chegasse elle aos ouvidos do capitão-general, que, simulando de nada saber, deu parte ao vice-rei Luiz de Vasconcellos, concertando ambos no modo de mallograr a conspiração, appa-

rentando imperturbavel calma. A dissimulação e a hypocrisia formavam a base do caracter do visconde de Barbacena, até agora apresentado pelos nossos historiadores como modelo de paternal bondade (3); deixou, portanto, que creasse corpo o temerario projecto, folgando que grande fosse o numero dos compromettidos. Pautando seu proceder pelas supra-citadas instrucções, pareceu querer attender ás reclamações dos povos, suspendendo provisoriamente a execução das régias determinações emquanto levava aos pés do throno fidelissimo as queixas dos seus leaes vassallos.

Intuitivo é que frustrado estava o plano da conspiração, não se podendo contar com a annuencia do povo, estranho a considerações de ordem mais elevada, e só impressionavel aos interesses do momento. Assim pelo menos o pensaram Claudio Manoel, Gonzaga, Alvarenga Peixoto, que formavam o directorio revolucionario.

Desvanecida a idéa pela sua impraticabilidade, talvez que nenhuns vestigios d'ella hoje restassem, receiando o visconde de Barbacena de punir uma velleidade e baldo de provas em que pudesse assentar o processo. Quiz, porém, a fatalidade que um leviano fosse sabedor da conspiração; permittiu ainda que por ella se enthusiasmasse, tocando ao delirio o seu fanatismo. Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tira-Dentes, alferes do regimento de cavallaria de linha, foi o genio do mal d'esse prematuro tentame da independencia do Brasil (4).

(3) No luminoso trabalho, que tem entre mãos o nosso douto collega o Sr. Norberto, verá o leitor desenvolvido magistralmente este ponto da historia patria, que aqui succintamente esboçamos, servindonos, como já confessámos, das notas que, por bondade sua, franqueou-nos.

(4) Parecerá talvez estranho que assim qualifiquemos ao Tira-

Assoalhando projectos de que o acaso, ou melhor a imprudencia, lhe fizéra participante, buscou alliar a tropa, e ostentou uma desenvoltura de linguagem, que, a ficar impune, aniquilaria o principio da autoridade. Dizendo-se a Claudio Manoel que o Tira-Dentes procurava complices nos quarteis, disse elle que estranhava que os soldados não o tivessem prendido, como merecia.

Do parecer de Claudio eram os protogonistas da conjuração, que no fundo d'alma lamentavam que semelhante homem tivesse se constituido seu officioso e temerario auxiliar. Ignorava elle a mais recondita parte do plano; não fôra ouvido quando se discutira a fórma de governo que convinha adoptar; sabia, porém, quanto era bastante para perder no animo do governo portuguez os mais nobres caracteres das provincias de Minas e Rio de Janeiro.

Como o condor, que espreita a presa para sôbre ella lançar-se, aguardava o coronel Joaquim Silverio dos Reis, por alcunha Joaquim Salterio, azado ensejo para prestar um ignobil serviço, buscando na delação o adiantamento que sonhára sua escaldada fantasia (5). Passo a passo

Dentes, a quem alguns mancebos de poetica imaginação querem dar os fóros de primeiro patriarcha da independencia do Brasil. Pedimos-lhes, porém, que aguardem a proxima publicação do trabalho do nosso amigo o Sr. Norberto para conhecerem com exactidão essa figura legendaria, cujo unico merito foi o de ter sabido morrer com dignidade, buscando no martyrio uma consagração de que jamais lograria seu nome.

(5) Por unica recompensa recebeu uma pensão de 400$ annuaes, e perseguido pela animadversão publica teve de retirar-se para o Maranhão, d'onde, ralado de remorsos e reduzido á pobreza, pediu a el-rei D. João VI a sobrevivencia da dita pensão em favor de sua mulher e filhos, allegando haver prestado relevantissimos serviços. Vimos esta petição, na qual está escripto—Escusado—pela propria letra de el-rei.

acompanhára o capitão-general a marcha da conspiração; não estava, portanto, desprevenido quando se lhe apresentou o coronel Silverio, cujo depoimento era-lhe, porém, de muito proveito para ferir com a espada da lei os que nas trévas do regimen colonial haviam pensado em patria e liberdade.

Sabido é geralmente o desfecho d'este lutuoso drama; ninguem ignora como, carregados de grilhões, tragando o fel da humilhação, foram arrojados em negros calabouços os homens mais conspicuos da capitania. Não é do nosso intento escrever esta historia, a mais habil intelligencia confiada; queremos tão sómente contemplar n'essa heroica galeria o illustre varão que fórma o assumpto d'este mesquinho trabalho.

Denunciado como um dos primeiros fautores da projectada revolta, foi Claudio Manoel da Costa recolhido á cadêa de Villa-Rica em um estado valetudinario, exercendo-se sôbre a sua pessoa todos esses inqualificaveis rigores a que estavam sujeitos os que tinham a desgraça de serem accusados do crime de inconfidencia e lesa-magestade da primeira cabeça.

Nos longos e fastidiosos interrogatorios a que teve de responder sustentou ter tido conhecimento do planejado levante, mas que sempre o considerára como um acto de loucura a que não prestára a menor attenção, procurando sempre dissuadir d'elle a todos que lhe fallavam. Disse mais que era intimo amigo do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, cuja casa costumava frequentar, recreiando-se com a leitura de seus versos. Que a essa casa iam amiudadas vezes Alvarenga, Maciel, Paula Freire e vigario Carlos; que haviam hypotheticamente apresentado a idéa de republica, por elle Claudio sempre combatida pela absoluta falta de forças e meios de subsistencia. Accrescentou

que pouco conhecimento tinha do Tira-Dentes, com o qual apenas fallára uma ou duas vezes no seu escriptorio, a que viéra para tomar conselhos sôbre objectos totalmente estranhos á conspiração, e sempre acompanhado por outros individuos.

Como vê-se, entrincheirava-se Claudio na absoluta negação, e por fraqueza do cerebro, resultante da velhice e enfermidades, não escrupulisou de accusar seus mais particulares amigos, como fosse o proprio Gonzaga. Aterrado pela imagem do supplicio que o aguardava, succumbiu á prova de que victoriosa devêra sahir sua bella intelligencia e elevado caracter, contradisse-se a cada instante, e desceu do pedestal da dignidade ao lodoso chão das retractações e do fingido arrependimento. Revelam suas palavras o principio d'essa alienação mental, que cedo corôada seria pelo mais doloroso espectaculo (6)!

Pungido pelos espinhos dos remorsos, de haver compromettido seus amigos, lamentando que em botão murchasse a flôr da esperança da liberdade patria, apoderou-se de seu espirito negra melancolia, e no plano inclinado da descrença ganhou terreno o sinistro pensamento do suicidio.

(6) Assim terminava elle um dos seus depoimentos:

« Era em bem por beneficio de Deus que a minha libertinagem, que os meus máos costumes, a minha generosa maledicencia me reduzam, finalmente ; a este evidentissimo castigo da justiça divina, e apezar das immensas intrigas e calumnias, com que me acho denegrido na presença do Exm. Sr. visconde, protesto que nunca em meu animo procurei ou desejei levianamente offender á sua respeitavel pessoa, e que só pelo genio gracejador que tinha poderia deslisar-me em algum dito menos decoroso, não desconfiando d'aquelles mesmos que teriam já em igual occasião outras iguaes graciosidades, pelo que lhe peço perdão de tanto escandalo, e lhe rogo que, sendo eu máo, como confesso, nem por isso repute virtude nos denunciantes d'estes ditos, que talvez sejam mais terriveis que os mesmos denunciados. »

« Até aqui, diz o Sr. Norberto, a historia sem os documentos officiaes ; parando ante o cadaver de Claudio Manoel da Costa, hesitava entre a idéa de um suicidio, ou de uma premeditação criminosa dos ministros do governo colonial ; hoje, a aceitarmos as peças do monstruoso e longo processo, conhecemos que sua morte fôra voluntaria. Ah ! que longa agonia não foi a sua á vista da posição do seu cadaver, tendo uma liga por baraço pendendo de um armario, com um dos joelhos fincado sobre uma das prateleiras, e o braço direito forcejando debaixo para cima contra a taboa em que prendêra o baraço, como procurando estreitar o fatal laço, que zombava da gravidade do seu corpo, já tão debilitado pelos annos e trabalho » (7).

(7) Julgamos de interesse a transcripção do auto de corpo de delicto e exame feito no cadaver do Dr. Claudio Manoel da Costa, lavrado no dia 4 de Julho de 1789 perante o desembargador Pedro José Araujo de Saldanha e o Dr. José Caetano Cesar Manite, acompanhados do tabellião Antonio José de Macedo, do escrivão da curadoria José Virissimo da Fonseca e dos cirurgiões approvados Caetano José Cardoso e Manoel Fernandes Santiago. Depois do formulario do costume assim reza o documento a que nos referimos :

« Achou-se de pé e encostado a uma prateleira, com um joelho firme em uma taboa d'ella e o braço direito fazendo força em outra taboa, na qual se achava passada em torno uma liga de cadarço encarnado atada á dita taboa e a outra ponta com uma laçada e no corrediço deitado ao pescoço do dito cadaver, que o tinha esganado e suffocado a respiração por effeito do grande aperto que lhe fez com a força e gravidade do corpo na parte superior do larynge, onde se divisava do lado direito uma pequena contusão que mostrava ser feita com o mesmo laço quando correu ; e examinado mais todo o corpo pelos referidos cirurgiões, em todo elle se não achou ferida, nodoa, ou contusão alguma, assentando uniformemente que a morte do referido Dr. Claudio Manoel da Costa só fôra procedida d'aquelle mesmo laço e suffocação, enforcando-se voluntariamente por suas mãos, como denotava a figura e posição em que o dito cadaver se achava.» (Vide o Appenso ao Auto de perguntas feitas ao mesmo doutor.)

Cumpriu seu dever a justiça dos homens, ordenando que lavrados fossem os competentes termos, dando-se a sepultura ao cadaver sem solemnidade alguma, porquanto ainda n'essa época eram com rigor executados os canones que prohibem que na jazida dos catholicos achem derradeiro asylo os que tão gravemente infringem a lei de Deus.

Choraram-no suas filhas (8) e seus irmãos, que estremecidamente amavam-no, sendo porém obrigados a esconder o pranto, que por signaes de complicidade poderia ser tomado.

Nem assim escapou sua desgraçada prole á cruel vindicta da alçada, que, infamando a memoria do illustre finado, infames declarou seus filhos e netos, ordenando que confiscados fossem seus bens em beneficio do fisco e da camara real (9).

(8) De um precioso documento intitulado—*Estado das familias dos réos sequestrados*—, appenso aos autos, copiamos o seguinte paragrapho relativo a Claudio Manoel da Costa :

« Era solteiro e deixou duas filhas naturaes, uma por nome Francisca, casada com Manoel José da Silva, á qual o mesmo sequestrado quando a casou deu a metade de uma roça no valor de noventa mil réis, com tres ou quatro escravos, de cujo casal existem tres ou quatro filhos, a qual poderá ter trinta annos de idade e vive parcamente com o seu marido e filhos no sitio da Vargem, termo da cidade de Marianna. Outra por nome Maria, que terá de idade onze annos, pouco mais ou menos, e vive em companhia de sua mãi Francisca Cardosa, solteira, sem bens alguns e mora n'esta villa. »

(9) Do traslado do sequestro feito nos bens de Claudio Manoel da Costa consta que gozava elle de certa abastança, possuindo uma fazenda no logar denominado—Fundão—, termo de Villa-Rica, metade de outra com matas virgens e terras de minerar nas proximidades de Marianna, metade de uma roça com casa de vivenda, moinho, engenho de farinha e oratorio de dizer missa, além de animaes e moveis; um sitio de lavra chamado—O Canellas—, termo de Marianna, de so-

A despeito dos furores juridicos, atravessou a memoria de Claudio Manoel da Costa a posteridade, chegando até nós rodeada da aureola da gloria, e com placida confiança aguardando seu nicho no Pantheon brasileiro. Foi um dos precursores da grande idéa da independencia, que trinta e tres annos depois devêra nas margens do Ypiranga proclamar um principe magnanimo; foi um abalisado poeta, a quem estranhos e imparciaes juizes rendem a homenagem de sua admiração; foi finalmente um homem de exemplar probidade, submisso filho da igreja, de cujo gremio só o divorcio da razão pôde arredal-o.

J. C. Fernandes Pinheiro.

---

ciedade com Antonio Domingos de Cabo Pinto e Domingos Pires. Tinha mais trinta e tres escravos sessenta e uma oitavas de ouro em pó, joias, trastes e roupa de seu uso, e tambem uma escolhida livraria composta de trezentos e oitenta e oito volumes impressos e dois manuscriptos.

TYP. DE PINHEIRO & C., RUA SETE DE SETEMBRO N. 159